

INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E DESPORTO

MESTRADO EM EDUCAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE BIBLIOTECAS ESCOLARES



AS BIBLIOTECAS ESCOLARES: PRINCÍPIOS PRÁTICAS E

ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

Isabel Maria Mendes Borges Cardoso

2012

INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E DESPORTO

MESTRADO EM EDUCAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE BIBLIOTECAS ESCOLARES



AS BIBLIOTECAS ESCOLARES:

PRINCÍPIOS PRÁTICAS E ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre em
Educação e Organização de Bibliotecas Escolares
na Escola Superior de Educação da Guarda

Professor Orientador:

Professor Doutor Carlos Sousa Reis

Isabel Maria Mendes Borges Cardoso

2012

Agradecimentos

Uma dissertação de mestrado é envolta em muita emoção, esforço, noites encurtadas, prazer de aprender, investigar e satisfação por estar quase a terminar. Ao atingir, finalmente, esta fase de conclusão, não podia deixar de lembrar o contributo de um grande conjunto de parceiros que comigo fizeram este percurso. Destacava, portanto, o apoio incondicional da minha família – o meu marido que me deu sempre muita força, mesmo nos momentos menos bons, não esquecendo a preciosa colaboração dos meus filhos, Ana, José e Rui, que sempre estiveram presentes. Uma família com muito amor, compreensão, apoio e sobretudo paciência, pela minha ausência física e nalguns momentos mental, devido ao espaço que o trabalho teima em ocupar na nossa mente.

Há um outro grande conjunto de cúmplices, que são os amigos, sobretudo os mais próximos. Palavras de apoio e estímulo foram uma constante, principalmente nas horas mais difíceis. A minha honra e o meu muito obrigada por serem meus amigos.

Em todo o percurso, é imprescindível referir e agradecer também à Escola Básica da Ponte das Três Entradas, onde trabalho. Palavras de reconhecimento aqui expresso a toda a comunidade educativa, desde os professores, aos funcionários. Realço, especialmente, a franca colaboração da funcionária da Biblioteca, Sónia Álvaro, e a pronta cooperação do órgão de gestão, na pessoa da Diretora, Sandra Fidalgo e Diretora Adjunta, Magda Mesquita, que sempre me apoiaram e estimularam neste projeto, nas ideias e em tudo o que se refere à Biblioteca Escolar Professor Doutor Pina Martins.

A minha caminhada, em termos profissionais, ligada às bibliotecas escolares, decorre há sensivelmente três anos. Experimentei e muito aprendi, podendo assim reunir um conjunto de saberes nesta área. Declaro a minha gratidão ao órgão de gestão da Escola Brás Garcia de Mascarenhas e à colega Isabel Ferreira, professora bibliotecária desta mesma instituição.

À Coordenadora Interconcelhia das Bibliotecas Escolares, Alcina Correia, o meu agradecimento por acreditar em mim e nas minhas competências, por todo o seu apoio e compreensão.

A Deus que sempre esteve presente na minha vida.

Por último, mas não em último, um agradecimento muito profundo ao Professor Doutor Carlos Sousa Reis, orientador desta dissertação e em todos os sentidos o maior cúmplice, pelo aconselhamento, orientação, correção, paciência, compreensão e porque até ao último minuto foi um pilar fundamental neste trabalho, sem o qual seria impossível concluí-lo.

Resumo

O sucesso do processo educativo de cada aluno depende, em larga medida, do valor que os encarregados de educação e a própria comunidade local lhe atribuem. Quando a Educação e o conhecimento são os principais pilares de uma comunidade, a missão e os objetivos da escola são partilhados e apoiados por todos. É necessário também que a comunidade veja a Escola como um espaço pertinente onde se constrói o conhecimento e a educação, em relação às situações da vida real e correspondendo às suas necessidades e aspirações. No contexto educativo, há que ter sempre em conta as necessárias adaptações do sistema de ensino, à comunidade, no que se refere a programas, conteúdos, formação de professores e recursos.

Às bibliotecas escolares ninguém nega a sua importância no seio das escolas e das comunidades educativas, elas desempenham um papel central no desenvolvimento das literacias, no suporte às aprendizagens, na aquisição de competências de informação e na formação de leitores. Através destas, os alunos desenvolvem melhor as competências para a aprendizagem, imaginação e criatividade ao longo da vida, levando-os a tornarem-se pessoas responsáveis numa sociedade que está em constante evolução.

A metodologia utilizada foi o estudo de caso da Biblioteca Escolar pertencente à escola sede deste agrupamento, procurando compreendê-la nas suas diversas dimensões. A investigação teve o seu trabalho de campo no ano letivo de 2011/2012, tendo sido utilizados como instrumentos o inquérito por questionário aos docentes e alunos. Este estudo centra-se em torno de três eixos indissociáveis: alunos, professores e recursos da Biblioteca Escolar. Nesse sentido, o estudo assentou numa pesquisa bibliográfica que procurou estabelecer os conceitos principais da fundamentação teórica. A investigação empírica foi feita para se obter informação sobre o uso real da biblioteca e dos recursos de informação por parte de alunos e professores de uma Escola do Ensino Básico.

Os objetivos deste estudo são: refletir-se sobre o contributo das bibliotecas escolares para as novas competências cognitivas dos alunos; facultar aos alunos o usufruto da biblioteca escolar com todos os meios necessários ao seu ensino aprendizagem para que estes possam enfrentar os desafios profissionais, que o poder da informação impõe, na sociedade atual; constatar se a BE contém recursos de informação científica, técnica, cultural e lúdica, em suportes impressos e eletrónicos, adequados aos alunos, para promover e apoiar a construção do seu conhecimento em colaboração com os professores. Ambicionou-se seguir um percurso que explanasse o quão importante são as bibliotecas escolares, desde que bem organizadas e bem

dinamizadas, avocando-se assim, como um recurso educativo a merecer cada vez mais atenção por parte de toda a comunidade escolar.

Com o desenrolar deste estudo, pretende-se encontrar resposta para a seguinte questão: Que papel desempenha a biblioteca escolar no ensino/aprendizagem dos alunos?

O presente trabalho está organizado em duas partes: a primeira parte é constituída por dois capítulos, onde se faz o enquadramento teórico da temática investigada.

No primeiro capítulo faz-se uma abordagem geral da sociedade do século XXI e as bibliotecas escolares: a biblioteca como espaço pedagógico-didático, os princípios pedagógicos, as práticas e atividades e as tecnologias na dinamização da biblioteca escolar. Queremos esclarecer como funcionam as bibliotecas escolares deste século.

No segundo capítulo refere-se o papel da Rede de Bibliotecas Escolares como estrutura responsável pela implementação e monitorização do programa de requalificação das bibliotecas escolares, historial, programa e objetivos desta, assim como, a missão e funções do professor bibliotecário.

Na segunda parte, capítulo três, faz-se a apresentação do estudo empírico, enunciando na secção um, as hipóteses, as variáveis, caracterização da amostra e descrição do método de investigação. Na secção dois, procedemos à apresentação dos dados descritivos e das hipóteses formuladas. Faz-se a discussão e análise dos resultados obtidos e sintetizam-se as principais conclusões do estudo em causa. Finalmente, apontamos as primeiras ilações retiradas do nosso estudo.

Este permitiu-nos concluir que, a utilização da BE por parte dos alunos e professores diverge quanto à sua utilização. E que 69% dos professores utilizam as TIC, nas suas planificações e no tratamento dos conteúdos letivos. No entanto, verifica-se uma coerência global, com algumas *nuances*, entre os conceitos que definem e as respetivas práticas observadas. Trata-se assim de um trabalho de pesquisa e reflexão, cuja intenção primordial consiste em reconhecer a urgência de, na sociedade atual da informação, nos empenharmos na criação de uma nova cultura educativa que promova a interação, a autonomia e o sentido crítico, mormente através da pesquisa escolar.

Palavras-Chave: Biblioteca Escolar; Atividades; Tecnologias da Informação e Comunicação; Construção do Conhecimento.

Abstract

The success of the educational process of each student depends largely on the value that the parents (charge education) and the local community gives to it. When the Education and Knowledge are the main pillars of a community, the mission and goals of the school are shared and supported by all. It is also necessary that the community see the school as a space where relevant knowledge and education are built, in relation to real life situations and responding to their needs and aspirations. In educational system we have to be in mind, the necessary adjustments from education to the community, in programs, contents, teacher's training and resources.

To school libraries no one denies its importance within schools and educational communities, they play a central role in the development of literacy's, in supporting the learning, skills acquisition and training information for readers. Through these, students develop better skills for learning, imagination and creativity throughout life, causing them to become responsible people in a society that is in a permanent evolution.

The methodology used was case study of the School Library belonging to the school site of this group, trying to understand it in its various dimensions. The investigation had its field work in academic year 2011/2012, having been used as instruments a questionnaire to teachers and students. This study focuses on three axes inseparable: students, teachers, and school library resources. In this sense, the study was based on a literature review that sought to establish the main concepts of the theoretical foundation. The Empirical research was done to obtain information about the actual use of school library and information resources by students and teachers in a School of Basic Education.

The objectives of this study are reflected on the contribution of school libraries to the new students' cognitive skills, providing students with the enjoyment of the school library with all the necessary means for their teaching and learning so that they can face the professional challenges that enforces the power of information in our society; see if BE contains features of scientific, technical, cultural and recreational, in printed and electronic, suitable for students, to promote and support the construction of knowledge in collaboration with teachers. It is aspired to follow a route that explain how important school libraries, if well organized and well streamlined, remember thus, as an educational resource that deserves more attention by the whole school community.

In the course of this study, we intend to find answer to the following question: What role does the school library in teaching / learning of students?

This work is organized in two parts: the first part consists of two chapters, which makes the theoretical framework of the issue investigated.

The first chapter is a general approach to the XXI century society and school libraries: the library as space pedagogical-didactic, pedagogical principles, practices and activities and technologies in the school library work. We want to clarify how school libraries work in this century.

The second chapter concerns the role of School Libraries Network like structure responsible for implementing and monitoring the program of upgrading of school libraries, history, and goals of this program, as well as the mission and functions of the teacher librarian. In part two, chapter three, it is the presentation of empirical study, stating in one section the assumptions, variables, sample characterization and description of the research method. In section two, we proceed to the presentation of descriptive data and the assumptions made. It is a discussion and analysis of results and summarizes the main conclusions of the study in question. Finally, we point out the first lessons learned from our study.

This allowed us to conclude that the use of BE by students and teachers differ as to its use. And that 69% of teachers use ICT in their lesson plans and treating academic content. However, there is an overall coherence, with some nuances, between the concepts that define the respective practices and observed. It is therefore a work of research and reflection, whose primary intent is to recognize the urgency of the information in today's society, we strive to create a new educational culture that promotes interaction, autonomy and critical sense, especially through the research school.

Keywords: Library, Activities, Information and Communication Technologies, Construction of Knowledge.

Índice Geral

Agradecimentos	I
Resumo	I
Abstract	III
Índice Geral.....	III
Índice de Imagens	VI
Índice de Tabelas	VII
Glossário	III
Introdução	1
1 As bibliotecas escolares e a sociedade do séc. XXI.....	4
1.1 A Sociedade do Século XXI e os seus reptos	5
1.2 A biblioteca como espaço pedagógico-didático.....	7
1.3 Práticas e atividades	9
1.4 As tecnologias na dinamização da biblioteca escolar.....	10
1.5 A biblioteca escolar e o sucesso educativo	12
2 A REDE DE BIBLIOTECAS ESCOLARES (RBE).....	14
2.1 As Bibliotecas Escolares e a RBE	15
2.2 Breve historial sobre o eclodir da Rede de Bibliotecas Escolares	15
2.3 Rede de Biblioteca Escolares: programa e objetivos	18
2.4 O Professor Bibliotecário	21
2.4.1 Missão	21
2.4.2 O Professor Bibliotecário e a Direção.....	22

2.4.3	O Professor Bibliotecário, a equipa da BE e os docentes.....	23
2.5	A RBE e o Modelo de Auto Avaliação das Bibliotecas Escolares	24
3	Estudo Empírico.....	28
3.1	O Agrupamento e a Biblioteca Escolar.....	29
3.1.1	Promover sessões de leitura orientada	34
3.1.2	Participar em trabalhos de investigação/recolha de informação.....	34
3.1.3	Realizar exposições temáticas	35
3.1.4	Realizar sessões de trabalho	35
3.1.5	Colaborar com o Jornal Escolar	35
3.1.6	Livros Viajantes.....	35
3.2	Objetivos e requisitos do estudo	36
3.2.1	Metodologia utilizada na recolha da informação	36
3.2.2	Problemas/Hipóteses	37
3.3	Sujeitos e amostragem	38
3.4	Instrumentação	39
3.5	Plano e procedimentos.....	40
3.6	Análise dos dados	41
3.6.1	Análise da estatística descritiva	41
3.6.2	Análise da Estatística Inferencial.....	58
	Conclusão.....	61
	Bibliografia	68
	Legislação	69
	ANEXOS	70

ANEXO I - Projeto Educativo.....	71
ANEXO II - QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS.....	80
ANEXO III - QUESTIONÁRIO AOS DOCENTES.....	84

Índice de Imagens

Imagem 1 - Secção de Atendimento na BE	30
Imagem 2 - Utilização de Computadores	31
Imagem 3 - Secção de Estudo e Realização de Trabalhos de Grupo	32
Imagem 4 - Produção de documentos escritos.....	32
Imagem 5 - Secção de Audiovisuais.....	33
Imagem 6 - Produção de documentos diversos.....	33

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Domínios e subdomínios do Modelo de Autoavaliação da Biblioteca Escolar	26
Tabela 2 - Sexo dos alunos	41
Tabela 3 - Ano de escolaridade dos alunos.....	41
Tabela 4 -Frequência de utilização da BE	42
Tabela 5 - Objetivo de utilização da Biblioteca Escolar	43
Tabela 6 - Opinião sobre as atividades da BE: numerosas	43
Tabela 7 - Opinião sobre as atividades da BE: diversificadas	44
Tabela 8 - Opinião sobre as atividades da BE: interessantes	44
Tabela 9 - Opinião dos alunos sobre a BE: horário	44
Tabela 10 - Opinião dos alunos sobre espaço da BE	45
Tabela 11 - Opinião dos alunos sobre o ambiente da BE.	45
Tabela 12 - Opinião dos alunos sobre a facilidade de encontrar os documentos na BE.....	45
Tabela 13 - Opinião dos alunos sobre a atualidade e interesses dos livros da BE.....	46
Tabela 14 - Opinião dos alunos acerca dos CD/DVD da BE.....	46
Tabela 15 - Opinião dos alunos sobre os computadores da BE	46
Tabela 16 - Opinião dos alunos sobre o apoio da BE nas suas atividades livres e de estudo	47
Tabela 17 - Participação dos alunos em clubes/projetos.....	47
Tabela 18 - Contributo da BE para desenvolver a boa convivência, o espírito de iniciativa e de entregajuda e a autoconfiança dos alunos.....	47
Tabela 19 - Sexo dos professores.	41
Tabela 20 - Frequência da utilização da BE por parte dos docentes	48
Tabela 21 - Objetivo de utilização da BE.....	49

Tabela 22 - Articulação com a Equipa da BE/PB	49
Tabela 23 - Conhecimento dos docentes sobre a BE	49
Tabela 24 - Classificação dos recursos da BE	50
Tabela 25 - Integração das TIC na planificação e tratamento dos conteúdos letivos	50
Tabela 26 - Promoção da utilização da BE/recursos nos trabalhos dos alunos	51
Tabela 27 - Utilização da BE por parte dos alunos com indicações necessárias: tarefa, bibliografia.....	52
Tabela 28 - Apoio utilizado para os trabalhos dos alunos	52
Tabela 29 - Participação em atividades de formação de utilizadores para o uso da BE	53
Tabela 30 - Colaboração com o/a PB/ Equipa da BE na realização de atividades	53
Tabela 31 - Colaboração com a BE na seleção ou produção de materiais	53
Tabela 32 - Avaliação da colaboração com a BE nos trabalhos	54
Tabela 33- Competências pessoais para o uso da BE	54
Tabela 34 - Competências dos alunos para o uso autónomo da BE.....	56
Tabela 35 - Avaliação do contributo da BE nos alunos	56
Tabela 36 - Materiais utilizados por sua iniciativa ou sugestão da BE	57
Tabela 37 - Influência da BE nos alunos	57
Tabela 38 - Binomial Test – Frequência de utilização da BE por parte dos alunos.	58
Tabela 39- Binomial Test – Frequência de utilização da BE por parte dos professores.....	59
Tabela 40 - Binomial Test - Integração das TIC por parte dos professores nas suas planificações e/ou nas unidades de ensino.	59
Tabela 41 - Mann-Whitney Test - Diferenças de frequência de utilização da BE (participação em atividades e tipos de atividades), por parte dos alunos e professores.	60

Glossário

TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação

APA – American PSychological ASsociation

BE – Biblioteca Escolar

CRE – Centro de Recursos Educativos

BEs – Bibliotecas Escolares

PB – Professor Bibliotecário

CDU – Classificação Decimal Universal

MAABE – Modelo de Auto Avaliação das Bibliotecas Escolares

RBE – Rede de Bibliotecas Escolares

GRBE – Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares

PNL – Plano Nacional de Leitura

IASL - The International Association of School Librarianship

IFLA - International Federation of Library Associations

IRA – International Reading association

ME – Ministério da Educação

PC - Computador

LBSE - Lei de Bases do Sistema Educativo

UNESCO - The United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

Facebook – Social Networking Service (Serviço social da Internet)

Youtube – Video Sharing Website (um endereço de partilha de videos)

Introdução

Estamos inseridos numa sociedade do conhecimento em que o mais importante é a inteligência que leva ao conhecimento. No entanto, a sociedade da informação é o suporte da sociedade do conhecimento, em todas as suas dimensões – social, cultural, política e institucional – e em estreita relação com todas as transformações que sobrevêm a esta última. Daí que seja hoje premente equacionar a ação pedagógica centrada no conhecimento construtivo dos alunos, mediante as metodologias ativas e dinâmicas que possam vir a contribuir para a construção discente dos conhecimentos. “Para o indivíduo é desejável que a escola lhe transmita ainda mais o gosto e prazer de aprender, a capacidade de ainda mais aprender a aprender, a curiosidade intelectual. Podemos, até, imaginar uma sociedade em que cada um seja, alternadamente, professor e aluno” (Delors, 2003, p.18).

No atual contexto, a biblioteca escolar tem um papel relevante, tornando-se o centro informacional, transversal e interativo da nova escola da sociedade do conhecimento. A biblioteca escolar analógica/digital deve ajustar-se ao projeto curricular e valorizar, como etapa cognitiva crucial, o processo de pesquisa da informação. Foi com este entendimento que decidimos fazer incidir o vertente estudo sobre os seguintes fatores: a biblioteca escolar, os hábitos de leitura, a pesquisa e os recursos baseados nas novas tecnologias da informação e da comunicação. Em particular, propusemo-nos alcançar os seguintes objetivos gerais:

- i. Refletir sobre o contributo das bibliotecas escolares para as novas competências cognitivas dos alunos em ambiente colaborativo, intercultural e interdisciplinar com o apoio das tecnologias da informação e comunicação (TIC) e da biblioteca escolar;
- ii. Verificar se professores e alunos usufruem da biblioteca, dos seus recursos de informação científica, técnica, cultural e lúdica, em suportes impressos e eletrónicos, para promover e apoiar a construção do conhecimento.
- iii. Aferir a utilização das TIC por parte dos professores e alunos no processo ensino aprendizagem.

Em suma, o nosso estudo pretende esclarecer se os docentes de um contexto escolar específico utilizam a BE e as TIC nas suas planificações e aulas, como estruturas promotoras dos novos conceitos de aprendizagem, de modo a permitir aos alunos desenvolverem capacidades e competências fundamentais do binómio informação/comunicação.

O objetivo principal deste estudo empírico é conhecer a frequência de utilização da BE por parte de alunos e professores, bem como saber com que objetivo frequentam a BE, que recursos utilizam, como e para quê os utilizam.

Nos capítulos I e II do nosso estudo apresentaremos o enquadramento teórico, que tentará esclarecer algumas das questões mais prementes que se colocam hoje no universo desta temática. No capítulo III, apresentamos o processo de investigação, que incidiu sobre as opiniões dos alunos e professores da Escola Básica Integrada de Ponte das Três Entradas, e que

foram recolhidas mediante dois questionários, cujos resultados serão posteriormente apresentados e discutidos.

1 As bibliotecas escolares e a sociedade do séc. XXI

“ Dentre as mudanças ocorridas nas instituições educacionais, acredita-se que a biblioteca é uma das que mais sofreu alterações em termos conceituais, uma vez que, de depósito de livros, transformou-se num centro de ensino e aprendizagem”

(Furtado, 2009, p. 141).

1.1 A Sociedade do Século XXI e os seus reptos

A sociedade do século XXI é a sociedade da informação em que o desenvolvimento da tecnologia e da informação foi de tal ordem que as bibliotecas que antes centravam o seu papel quase unicamente no desenvolvimento de competências para a leitura passaram a assumir um papel preponderante na gestão da informação. “A sociedade de informação corresponde, a um duplo desafio para a democracia e para a educação. Cabe ao sistema educativo fornecer, a todos, meios para dominar a proliferação de informações, de as selecionar e hierarquizar, com espírito crítico, preparando-os para lidarem com uma quantidade enorme de informação que poderá ser efêmera e instantânea” (DGIDC, 1997, p. 33-34.). A nossa sociedade encontra-se em constante mudança devido à revolução tecnológica que teve um impacto preponderante na economia, no desenvolvimento pessoal, nos princípios fundamentais da aprendizagem e no ambiente escolar. “A Sociedade da Informação exige uma contínua consolidação e atualização dos conhecimentos dos cidadãos. O conceito de educação ao longo da vida deve ser encarado como uma construção contínua da pessoa humana, dos seus saberes, aptidões e da sua capacidade de discernir e agir. A escola desempenha um papel fundamental em todo o processo de formação de cidadãos aptos para a sociedade da informação e deverá ser um dos principais focos de intervenção para se garantir um caminho seguro e sólido para o futuro” (DGIDC, 1997, p.39).

Numa época em que as redes e a globalização dominam o mercado económico há necessidade de formar indivíduos com aptidões para a competitividade da sociedade em que vivemos. A sobrevivência dos indivíduos e das organizações está dependente da aquisição e produção contínuas do conhecimento. Para isso é necessário desencadear processos comunicacionais e assegurar transferências permanentes de uma matéria-prima chamada informação. Os sistemas e serviços de informação em rede vêm proporcionar uma alteração essencial do funcionamento das bibliotecas, já que os documentos impressos perdem o monopólio da informação.

O papel desempenhado ao longo dos séculos pelas bibliotecas tradicionais, de conservação e preservação de documentos em armários por vezes fechados, a que só a bibliotecária tinha acesso e poderia emprestar, é agora posto em causa. A Biblioteca Escolar passa a ter um novo papel, deve facilitar a colaboração educacional e favorecer a aprendizagem através da divulgação seletiva da informação que satisfaça as necessidades dos utilizadores; deve fazer com que a informação possa circular mais rapidamente apoiando os alunos no seu papel de investigadores, ou seja, de construtores ativos do seu próprio conhecimento. Docentes, e discentes poderão assim colaborar mais facilmente em termos educacionais. A Biblioteca Escolar surge, pois, como uma aliada do conhecimento, que com a sua pluralidade e diversidade documental ajudar a perspetivar e relacionar, nomeadamente pela disponibilização e reprodução

facilitadas de documentos. A importância da informação poderá, então, ser procurada em contexto próprio, segundo coordenadas de tempo e espaço definidas em função do utilizador.

A nova postura das bibliotecas escolares na sociedade atual têm de assumir as novas tendências evolutivas do mercado de informação, o que passa pela adoção de novas ferramentas de gestão. Por seu lado, a escola deverá encarar os novos desafios, nomeadamente, os de alterar mentalidades, comportamentos e competências de cidadania, que vão ao encontro das necessidades específicas dos alunos, promovendo o diálogo constante com o exterior e a assimilação da informação, para que esta possa ser transformada em verdadeiro conhecimento.

O ensino e seus métodos conheceram neste novo enquadramento significativas mutações, por força de influências externas e internas à Escola, sejam os regimes políticos, as opções ideológicas ou os avanços científicos e tecnológicos, enfim, em consequência da pressão do próprio ambiente cultural. Hoje, além da transmissão de conhecimentos e saberes, está também em causa o desenvolvimento psicossocial dos alunos, a sua formação para a vida. Ao referirmo-nos ao sistema de ensino contemporâneo, é necessário pensarmos que a realidade da nossa sociedade difere consideravelmente, no tempo presente, daquilo que já foi há algumas décadas atrás. Do novo contexto sobrevieram várias inovações para o sistema de ensino. O papel do professor alterou-se de forma dramática, exigindo-se-lhe muito mais do que acontecia em tempos ainda não muito recuados. O professor já não é o único detentor dos conhecimentos, nem lhe cabe apenas a tarefa de os transmitir ao aluno. Passamos de um ensino centrado no professor para um ensino centrado no aluno, de cariz construtivista, em que o aluno deve ser o agente fundamental da construção do seu próprio conhecimento. O próprio contexto da sala de aula transformou-se significativamente, pois o ambiente educacional deve propiciar o desenvolvimento de posturas e atitudes mais proactivas, que, por sua vez devem abrir ao desenvolvimento de novas competências: não basta só aprender, mas, sobretudo, é preciso aprender a aprender, aprender a fazer e aprender a ser.

A sociedade atual tornou premente a utilização de novos princípios pedagógicos em que as necessidades individuais se tornaram mais importantes. A mudança tecnológica e o seu impacto está a modificar o sistema educativo de forma significativa. Os novos princípios de aprendizagem baseados no conhecimento construtivo, individual e autónomo, dentro e fora da sala de aula, são mais eficientes do que a abordagem clássica. Estes princípios têm hoje um enorme impacto na forma como a escola e todos os seus serviços (biblioteca escolar, sala de estudo, etc.) são diariamente estruturados.

O aluno da nova sociedade do conhecimento deseja ser o construtor da sua própria aprendizagem. Mas isto implica que alguém o oriente. “Neste cenário de um acesso cada vez maior à informação evidencia-se o papel da escola como orientador, nomeadamente da

Biblioteca Escolar (BE) no auxílio na busca de informação, uma vez que, na atualidade, esta está disponível em larga escala e através de meios distintos” (Cunha & Figueiredo, 2011, p.2). Neste contexto a BE apresenta-se como uma plataforma fulcral da aprendizagem, em que o mais importante “é permitir, incentivar e aproveitar a participação de todos, pois na medida em que usam o produto contribuem para melhorar a qualidade do mesmo” (Furtado, 2009, p. 138).

Compete, então, ao professor desempenhar também outros papéis mais consentâneos com a sociedade atual. Em particular, os problemas que a Educação em Portugal enfrenta obrigam a que se encontrem respostas e soluções orientadas para a diminuição das iliteracias que as estatísticas nacionais apresentam. É preciso fornecer aos jovens condições para que possam continuar a sua formação em domínios mais tecnológicos e profissionais de forma a termos indivíduos mais qualificados para o mercado de trabalho da Sociedade da Informação. A Biblioteca Escolar poderá ser, neste caso, também um elemento estimulador de um novo modelo de ensino-aprendizagem, assumindo-se como um espaço privilegiado de temas de discussão candentes: a inovação educacional; as TIC e a formação; a cidadania e os valores democráticos; a competitividade e o mercado de trabalho, etc.

1.2 A biblioteca como espaço pedagógico-didático

A escola do século XXI precisa de bibliotecas escolares e de professores bibliotecários que saibam assumir o seu papel crucial e a perspetivem como “parte integrante do processo educativo” (IFLA, 2006,p.15). Sobretudo no que diz respeito à função estratégica da capacidade e gosto pela leitura, dada a ligação direta entre o nível de leitura e os resultados da aprendizagem. “Os bibliotecários devem ser sempre pragmáticos e flexíveis na sua abordagem ao fornecerem materiais para leitura aos utilizadores e ao apoiarem as preferências individuais dos leitores, reconhecendo os seus direitos individuais. Ao lerem obras de ficção e de não ficção que correspondam às suas necessidades e ao seu nível, os alunos podem ser estimulados no seu processo de socialização e no desenvolvimento da sua identidade” (IFLA, 2006, p.18).

A Biblioteca Escolar do século XXI assume no paradigma educacional uma tarefa essencial: apoiar alunos e professores no desenvolvimento de competências cruciais, colocando à disposição destes a informação em diferentes formatos e suportes, promovendo a sua utilização na sala de aula e planificando e dinamizando com os grupos disciplinares atividades de aprendizagem centradas no aluno e nas suas necessidades. As principais competências a desenvolver são as de produzir, divulgar, aceder e gerir a informação, cujo domínio é condicional à integração com êxito na Sociedade da Informação, nomeadamente, ao exercício da cidadania e à realização pessoal, profissional e social. A missão da biblioteca e do professor bibliotecário torna-se, pois, crucial no âmbito da promoção e desenvolvimento da literacia da

informação na comunidade escolar, que passa, sem dúvida, pela otimização de todas as possibilidades oferecidas pelas TIC e pela implementação de atividades de aprendizagem baseadas em recursos tecnológicos. No entanto, tudo isto só pode ser concretizado desde que exista um trabalho colaborativo entre todos os agentes da comunidade educativa, em particular os docentes dos vários grupos disciplinares.

Na literatura científica, define-se biblioteca escolar como um recurso para a pesquisa, realização de trabalhos e apoio às atividades escolares. Este entendimento avança a perspetiva de “a biblioteca precisa ser entendida como um ‘espaço democrático’ onde interagem alunos, professores e informação. Esse espaço democrático pode estar circunscrito a duas funções: a função educativa e a formação cultural do indivíduo” (Ribeiro, 1994, p. 61).

A biblioteca precisa de ter disponível um vasto leque de recursos para poder corresponder ao amplo campo da formação social, intelectual, cultural e crítica dos indivíduos. Mas a BE deverá também assumir-se como uma valência de atividades variadas, entre as quais pontuarão as de leitura, dirigidas a instalar nos alunos o prazer da leitura e a valorização dos livros, em todas as suas dimensões. Trata-se, pois, de um espaço dinâmico que requer a aquisição de regras específicas de consulta e de técnicas de pesquisa.

Nesta nova perspetiva, requer-se, aliás, uma alteração das atitudes e práticas das direções das escolas, dos docentes e dos professores bibliotecários. A mudança de atitudes pressupõe um trabalho de articulação entre a equipa da biblioteca, a direção, os docentes e os encarregados de educação de modo a fomentar-se uma gestão mais eficaz e eficiente, apostada na disponibilização de serviços, recursos de informação e equipamentos de qualidade.

A BE deve ter como objetivo central apoiar os alunos nas suas necessidades, nomeadamente a respeito das lecionações e aprendizagens, mas também na preparação e motivação para a leitura e na pesquisa de informação, ou seja, cabe-lhe desenvolver competências transversalmente indispensáveis.

A IFLA aprovou um conjunto de recomendações políticas, reconhecendo que há uma falta de consciência enorme, a todos os níveis, sobre a importância das bibliotecas para o desenvolvimento da pessoa como cidadã e fazendo parte de uma sociedade. Em particular, aquela organização destacou o facto do financiamento adequado das bibliotecas escolares ser essencial para o seu desenvolvimento e que políticas de bibliotecas fortes são uma ferramenta de uma sociedade em permanente evolução.

Todas as advertências produzidas pela IFLA vão no sentido de se trabalhar de forma a nível nacional e internacional e com o apoio comprometido de organismos de prestígio, tais como a United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO), a The International Association of School Librarianship (IASL) e a própria IFLA. Daí a preocupação

quanto à formação de “líderes que, de forma planeada, contínua e coordenada” façam esforços para melhorarem as bibliotecas escolares e as coloquem no centro da política educativa nacional, a fim de que elas cumpram rigorosamente a sua missão no contexto escolar (IFLA, 2006, p.16).

No Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, assinala-se que: “Já não basta que os professores ensinem os alunos a aprender; têm também de os ensinar a buscar e a relacionar entre si diversas informações, revelando espírito crítico. [...] Esta ‘alfabetização informática’ é cada vez mais necessária para se chegar a uma verdadeira compreensão do real. Os alunos hoje devem edificar o seu próprio conhecimento, constituindo, assim, uma via privilegiada de acesso à autonomia, levando a que cada um se comporte em sociedade como um indivíduo livre e esclarecido” (Delors, 2003, p. 166).

1.3 Práticas e atividades

A Biblioteca é um espaço de que não podemos prescindir na escola, pois constitui um recurso fundamental para o desenvolvimento das competências dos alunos. Requer-se, contudo, que o professor bibliotecário e todos os docentes trabalhem em conjunto, dinamizando atividades integradas na realidade da escola. Tal como refere o Manifesto da UNESCO “Está comprovado que quando os bibliotecários e os professores trabalham em conjunto, os estudantes alcançam níveis mais elevados de literacia, leitura, aprendizagem, resolução de problemas e competências no domínio das tecnologias de informação e comunicação.” (IFLA, 2006, p.18).

Por seu lado, o IFLA (2006, p. 4) enfatiza que os serviços básicos de uma biblioteca escolar serão os seguintes:

- Apoiar e promover os objetivos educativos definidos de acordo com as finalidades e currículo da escola;
- Criar e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura, da aprendizagem e da utilização das bibliotecas ao longo da vida;
- Proporcionar oportunidades de utilização e produção de informação que possibilitem a aquisição de conhecimentos, a compreensão, o desenvolvimento da imaginação e o lazer;
- Apoiar os alunos na aprendizagem e na prática de competências de avaliação e utilização da informação, independentemente da natureza e do suporte, tendo em conta as formas de comunicação no seio da comunidade;
- Providenciar acesso aos recursos locais, regionais, nacionais e globais e às oportunidades que confrontem os alunos com ideias, experiências e opiniões diversificadas;
- Organizar atividades que favoreçam a consciência e a sensibilização para as questões de ordem cultural e social;
- Trabalhar com alunos, professores, órgãos de gestão e pais de modo a cumprir a missão da escola;
- Defender a ideia de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são essenciais à construção de uma cidadania efetiva e responsável e à participação na democracia;

- Promover a leitura, os recursos e serviços da biblioteca escolar junto da comunidade escolar e do meio.

A Biblioteca escolar fica, pois, associada à construção do conhecimento dos alunos e sua formação pessoal e social – uma missão que reclama a necessidade de planejar as atividades da BE de forma coordenada com o Projeto Educativo da Escola, o seu Regulamento Interno, o Plano Anual de Atividades e os vários projetos que se desenvolverão ao longo do ano letivo. Para isso, é necessário que todos – direção, professor(a) bibliotecário(a), professores, funcionários e encarregados de educação – trabalhem em conjunto de modo a que este novo paradigma se torne uma realidade e, em consequência, o sucesso educativo dos alunos em todos os domínios (saber, saber fazer e saber ser) seja alcançado.

1.4 As tecnologias na dinamização da biblioteca escolar

A Sociedade da Informação, em que vivemos, está em constante mudança devido à massificação e globalização da informação, produto do desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação. “Com a presença constante das tecnologias de informação nos mais variados ambientes, o homem passa a contar com uma diversidade de espaços educacionais e a educação passa a ter a sua abordagem ampliada, ultrapassando os seus limites tradicionais, visando à formação integral do indivíduo” (Furtado, 2009, p.136). Trata-se de uma sociedade cada vez mais informatizada e tecnológica, onde a informação é a matéria-prima que requer o domínio dos novos recursos informáticos para pesquisar, avaliar, manusear e produzir informação. Esta evolução da sociedade exige atualmente de cada um de nós uma educação ao longo da vida. Cabe à escola a preparação dos alunos para enfrentarem as mudanças desta nova sociedade do conhecimento. Na Biblioteca Escolar, os alunos poderão encontrar um meio privilegiado de construção do conhecimento na escola, pois “as novas tecnologias podem ser poderosos instrumentos construtivistas da aprendizagem” (Carneiro, 2006, p.2).

Como espaço privilegiado onde os alunos constroem o seu próprio conhecimento, a Escola e a sua BE enfrentam no novo quadro sociocultural grandes desafios. Em particular, cabe à BE organizar e fornecer a informação nos vários tipos de suportes, facultando o acesso às redes de conhecimento. “Mas, o domínio instrumental de uma tecnologia, seja ela qual for, é insuficiente para que o professor possa compreender os seus modos de produção de forma a incorporá-la à prática. É preciso criar situações de formação contextualizada, nas quais os educadores possam utilizar a tecnologia em atividades que lhes permitam interagir para resolver problemas significativos para a sua vida e trabalho, representar pensamentos e sentimentos, reinterpretar representações e reconstruí-las para poder recontextualizar as situações em práticas

pedagógicas com os alunos” (Almeida, 2007, p. 160). O papel crucial da BE nas aprendizagens dos alunos, leva-nos a ter de a conceber para lá das habituais fronteiras, de modo a que promova, estimule, potencie e facilite a aprendizagem através da incorporação da ampla panóplia de recursos que pode comportar.

O impacto das tecnologias da informação e comunicação tem sido muito importante nas bibliotecas escolares, desde logo, porque informatizando a coleção, e partilhando-a com a de outras bibliotecas, esta fica mais acessível aos utilizadores, melhorando assim a qualidade dos serviços.

Através da evolução social da Internet, ou seja, com a passagem da Web 1.0, estática e pouco participativa para a segunda geração da Web, designada por Web 2.0 (O’Reilly, 2005), todo o indivíduo passou a ter a possibilidade de criar e partilhar informação em linha, o que transformou a Web num espaço dinâmico e flexível de cooperação e interação, ou seja, um espaço indiscriminadamente aberto. Esta alteração trouxe às bibliotecas escolares um número significativo de possibilidades de interação com os seus utilizadores, que antes não lhes eram possíveis. Ora, não esqueçamos que as tecnologias da informação e da comunicação, particularmente com o aparecimento da Web 2.0, mudaram muito o modo como os jovens nascidos após a década de 80 do século XX realizam muitas das atividades do dia-a-dia, que são, aliás, inseparáveis das ferramentas digitais que passaram a fazer parte da sua vida.

No novo contexto, a biblioteca escolar não é só uma sala com livros, ela pode desempenhar um papel significativo e estratégico de estrutura pedagógica inovadora na escola. A BE pode e deve assumir, em particular, a promoção da leitura recreativa no âmbito da Web 2.0, com leitores, que são leitores nativos digitais. Ao professor bibliotecário caberá, então, saber encarnar a função de catalisador de mudança. Partindo do pressuposto que ler corresponde a compreender vários tipos de textos em suportes distintos e interagir com eles de modo a que o seu potencial seja absorvido totalmente pelo leitor, cabe ao mediador, neste caso ao professor bibliotecário, criar as condições indispensáveis para que o aluno, lentamente, se vá inserindo, de forma independente, na leitura e, em consequência, progressivamente alargue as capacidades que o tornarão um leitor autónomo e crítico.

“Com tantas mudanças atingindo as instituições é indispensável que os profissionais que atuam nas bibliotecas percebam a necessidade de rever seus produtos e serviços e sua relação com o usuário da informação, a fim de que elas não sucumbam diante das tecnologias de informação e comunicação e se tornem obsoletas. Bibliotecários devem ver os novos desafios como uma oportunidade de modernização da imagem e do papel da biblioteca, de criação e dinamização de uma nova geração de serviços e produtos, a fim de conquistar crianças e jovens, ter visibilidade e espaço na escola e na Sociedade da Informação (Furtado, 2009, p. 137-138)”.

Temos, pois, de ter em consideração que um aluno do século XXI é um leitor universal, que se socorre das novas tecnologias para se relacionar com o próprio texto em vários suportes. As bibliotecas escolares devem, portanto, adaptar-se ao cumprimento da função de aproximar os leitores dos múltiplos tipos de textos, proporcionando-lhes situações diversificadas de modo a desenvolver neles os hábitos de leitura em suportes diversos.

1.5 A biblioteca escolar e o sucesso educativo

A importância da biblioteca escolar é reforçada no Manifesto da IFLA/ UNESCO que defende como missões essenciais daquela: “proporcionar oportunidades de utilização e produção de informação que possibilitem a aquisição de conhecimentos, a compreensão, o desenvolvimento da imaginação e o lazer e apoiar os alunos na aprendizagem e na prática de competências de avaliação e utilização da informação, independentemente da natureza e do suporte, tendo em conta as formas de comunicação no seio da comunidade” (IFLA/UNESCO, 2002, p.16-17).

O novo papel da biblioteca pressupõe uma alteração das atitudes e práticas das direções das escolas, dos docentes e dos professores bibliotecários. Há que encontrar um novo paradigma de utilização para, assim, não cairmos numa apropriação espúria da biblioteca escolar. A alteração de atitudes subentende um trabalho em articulação com a escola e com os professores, de modo a estimular-se uma gestão mais facilitadora dos serviços, recursos de informação e equipamentos.

Conceber a escola e refletir sobre a BE é pensar no aluno. Neste sentido, recordamos o conteúdo da Lei de Bases do Sistema Educativo, que aponta, particularmente, para o desenvolvimento da autonomia do aluno. Qual deverá ser, então, o papel da biblioteca escolar no processo de ensino e de aprendizagem? Presentemente, a BE precisa ser entendida como um espaço aberto a múltiplas aprendizagens; um espaço que potencie os hábitos de leitura e disponibilize os meios propícios ao desenvolvimento de competências literárias. No novo paradigma temos de justificá-la como um centro de convergência cultural, onde todos os saberes se congregam em função do seu público-alvo. A biblioteca deve contribuir para a aquisição de novas competências, ensinando os alunos a serem críticos, autónomos, cultos e a adquirirem hábitos de pesquisa, isto é, a aprenderem a aprender, a construir o seu próprio conhecimento.

Mas que solução encontrar para alterar uma cultura de escola? É necessário que a BE seja plenamente integrada no projeto educativo de escola/agrupamento e que esta integração seja visível nas planificações dos vários departamentos e disciplinas. Sabe-se que a alteração de práticas e atividades educativas é um processo lento, mas cabe ao professor bibliotecário, em

articulação com a direção da escola induzir a mudança, começando por promover novas práticas de gestão funcional e pedagógica.

2 A REDE DE BIBLIOTECAS ESCOLARES (RBE)

“A criação de uma rede de bibliotecas escolares, assumida como política articulada pelos Ministérios da Educação e da Cultura, visa responder a uma necessidade sucessivamente enunciada...”

(Veiga, Calixto, Calçada, Gaspar & Barroso, 1997, p.14),

2.1 As Bibliotecas Escolares e a RBE

Depois de tantos anos das bibliotecas escolares sem acesso livre ao público-alvo, com armários de livros fechados, que mais pareciam fazer parte de um museu, Portugal desperta para uma nova realidade. Como medida essencial da política educativa, articulada pelos Ministérios da Educação e da Cultura, surge a criação de uma Rede de Bibliotecas Escolares (RBE) em que, finalmente, é assumido o incentivo à leitura, à utilização do livro nas metodologias de ensino e ao desenvolvimento das competências de informação. Através do Despacho conjunto nº5/ME/MC/96 com o título "Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares", criou-se um grupo de trabalho encarregado de refletir sobre a situação. O Despacho Conjunto nº184/ME/MC/96 de 27 de Agosto veio criar o "Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares", preconizando que até ao ano de 2003 todas as escolas do ensino básico e secundário seriam dotadas de bibliotecas que funcionassem com livre acesso e de modo integrador no processo de ensino aprendizagem da escola.

O relatório síntese, intitulado Lançar a RBE (Veiga et al., 1997, p.11), refere que "A principal finalidade de um programa de desenvolvimento das BEs é que vise dotá-las de espaços, equipamentos, gestão e pessoal adequados às suas funções, de acordo com critérios técnico-documentais e pedagógicos". Para os autores deste documento, "O conceito de biblioteca inclui os espaços e equipamentos onde são recolhidos, tratados e disponibilizados todos os tipos de documentos (qualquer que seja a sua natureza e suporte) que constituem recursos pedagógicos quer para as atividades quotidianas quer para atividades curriculares não letivas, quer para ocupação de tempos livres e de lazer" (Veiga et al., 1997, p.13).

Hoje é patente que, nos últimos anos, as bibliotecas escolares sofreram uma grande transformação, resultante da criação da Rede de Bibliotecas Escolares e do Plano Nacional de Leitura. Muito por cauda do investimento feito no alargamento e qualificação dos espaços, incluindo a aquisição de mobiliário adequado, o reforço do fundo documental e a formação dos recursos humanos indispensáveis, principalmente a nível do pessoal docente.

2.2 Breve historial sobre o eclodir da Rede de Bibliotecas Escolares

Apresenta-se neste ponto um breve historial das bibliotecas escolares em Portugal, para se destacar algumas das diretivas legais que suportam o seu percurso até à criação da Rede das Bibliotecas Escolares, em 1997.

A primeira lei que refere a obrigatoriedade da existência de uma biblioteca escolar nos Liceus é publicada em 1948 (Calixto, 1996), ficando excluídas as Escolas Técnicas e as Escolas Primárias. Só três anos mais tarde, pela Circular 14/209 de 10 de Janeiro, se regulamenta a instalação das bibliotecas escolares, definindo o seu funcionamento e quais os grupos de

professores que devem, preferencialmente, assumir a sua direção (Pessoa, 1994). Mas as bibliotecas então criadas funcionavam como um “apêndice, um enfeite, um pequeno luxo a que os liceus se podiam dar para que algum aluno, eventualmente mais desejoso de entrar no quadro de honra, pudesse aumentar um pouco os conhecimentos transmitidos pelo professor na aula” (Calixto, 1996, p.26).

O protótipo autocrático implementado na escola era aquele que assentava no modelo do professor todo-sapiente e no manual único obrigatório, de modo que o uso de outros recursos, como a pesquisa, não era e não podia ser encorajado. A década de 60 introduziu os audiovisuais nas escolas, mas essa ‘inovação’ não alterou o conceito de práticas educativas. Os métodos e práticas de ensino continuaram do mesmo modo, sendo o professor o único possuidor dos conhecimentos que devem ser transmitidos aos alunos. O paradigma transmissivo não via, nem podia ver, os alunos como pesquisadores, uma vez que tão pouco podia entender a função dos professores para lá do mesmo registo; não lhes podia outorgar o papel de guia do trabalho autónomo ou de motivador do aprender a aprender.

Após o 25 de Abril, a Direcção-Geral do Ensino Secundário desencadeou um processo de ‘reforma’ das bibliotecas escolares e organizou alguns cursos de formação para os seus responsáveis. Tratou-se porém de uma iniciativa inconsequente e que teve um fim precoce.

Em Portugal, a situação das bibliotecas escolares só vai descolar do nível zero em 1986, com a aprovação da Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE). O ponto 4 do artigo 2.º do Capítulo I da LBSE Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro, sujeito às alterações introduzidas pela Lei n.º 115/97, de 19 de Setembro, enuncia que: “ O sistema educativo responde às necessidades resultantes da realidade social, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho”. Como vemos a Lei de Bases assume um novo papel para os protagonistas do processo educativo. Em particular, quanto ao educando, entende-o como um agente autónomo na construção do seu próprio conhecimento, de modo que o professor deixa de ser, à partida, um mero transmissor de conhecimentos.

No Capítulo V, artigo 41.º, do referido diploma, surge uma listagem dos recursos educativos que devem ser colocados ao serviço da comunidade educativa (ver alínea b) As bibliotecas e mediatecas escolares)¹. Por seu lado, a Lei nº 19-A/87 de 3 de Junho, que visava estabelecer “Medidas de emergência sobre o ensino-aprendizagem da língua portuguesa” veio reconhecer às bibliotecas um papel importante, como se pode ver pelo enunciado do artigo 4.º:

¹Note-se que a alínea a) refere os manuais escolares.

“Serão criadas bibliotecas em todos os estabelecimentos de ensino que ainda não as possuam e implementadas medidas no sentido de assegurar a permanente atualização e o enriquecimento bibliográfico das bibliotecas escolares.” As bibliotecas escolares serão, então, apetrechadas com os livros adequados à idade dos alunos, na perspectiva de se garantir o seu desenvolvimento cultural e o ensino-aprendizagem da língua materna, cabendo ao Ministério da Educação e Cultura criar as condições de acesso e de orientação dos alunos relativamente à leitura.

No entanto, esta legislação não mudou ainda o paradigma de ensino que integrava estruturalmente a biblioteca escolar. A este propósito, refere Calixto que se tratava de “uma legislação completamente desajustada, ainda feita numa lógica dos anos 50, uma lei com uma formulação vaga, e que nunca produziu quaisquer mudanças significativas no panorama nacional das bibliotecas escolares. Do ponto de vista das construções escolares, muitas escolas continuaram a ser projetadas sem espaços originais para bibliotecas. Aliás, do ponto de vista orçamental das escolas, a biblioteca não aparece numa rubrica autónoma, inclui-se em Investimentos – Maquinaria e Equipamento” (1996, p.9-10). O autor citado denuncia ainda o estado de abandono a que o Ministério da Educação votou as bibliotecas escolares, apesar de nos seus próprios documentos as considerar como essenciais à Reforma Educativa e de ignorar documentos produzidos por prestigiados organismos internacionais para proceder à sua reestruturação (Calixto, 1996, p.11).

Numa reação aos resultados obtidos por Ana Benavente e os seus colaboradores a respeito dos níveis de iliteracia existentes em Portugal, entenderam os Ministros da Educação e Cultura que “a insuficiência de hábitos e práticas de leitura da população portuguesa só pode ser contrariado por uma política articulada” (Benavente, Rosa, Costa, & Ávila, 1995, p.13). Esta orientação levou à criação do Despacho Conjunto nº 43/ME/MC/95 de 29 de Dezembro, o qual refere “ser fundamental o desenvolvimento de bibliotecas escolares integradas numa rede e numa política e incentivo da leitura pública”. Na sequência deste diploma legal virá a ser constituído um Grupo de Trabalho com a missão, não apenas de fazer um diagnóstico exaustivo da situação das bibliotecas escolares, mas também de estabelecer os princípios, as linhas de orientação e o programa de lançamento de uma rede de bibliotecas escolares. O “Grupo de Trabalho deverá analisar e propor medidas visando o incentivo à utilização do livro nas metodologias de ensino e na organização do tempo escolar e desenvolvimento de Bibliotecas Escolares integradas numa rede e numa política de incentivo da leitura pública mais ampla que apoie e amplifique a ação da escola e que se mantenha ao longo da vida” (Id. Ibid.).

O relatório Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares constitui-se como documento fundamental para a implementação de uma nova fase nas bibliotecas escolares: “Hoje, num mundo em que a informação e o conhecimento científico se produzem a um ritmo acelerado e

em que é indispensável formar pessoas capazes de acompanhar a mudança, cabe às escolas e às suas bibliotecas a função essencial de criar e desenvolver nos alunos, competências de informação, contribuindo assim para que os cidadãos se tornem mais conscientes, informados e participantes, e para o desenvolvimento cultural da sociedade no seu conjunto” (Veiga et al., 1997, p.16). Este documento termina com o Lançamento do Programa RBE onde se sublinha que as mudanças qualitativas na atividade pedagógica só tendem a tornar-se eficazes e consistentes quando: “ As iniciativas são em grande medida da responsabilidade dos professores; O processo de lançamento da inovação é assumido pela direção da escola; Um número significativo de professores adere às propostas e envolve-se nas atividades delas decorrentes; Os pais dos alunos aceitam a inovação e a percebem como um benefício.” (Veiga et al., 1997, p.27).

Devemos aqui salientar a intervenção e apoio do Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares que desde o início tem vindo a promover diversas ações em articulação e cooperação com os serviços centrais e regionais do Ministério da Educação (ME), com o Plano Nacional de Leitura (PNL) e com outros Programas e entidades, tendo como intuito a melhoria das condições de funcionamento e gestão das bibliotecas escolares. De entre as várias ações desenvolvidas, podemos destacar: a Coordenação do processo de instalação e desenvolvimento das Bibliotecas Escolares (BEs)/Centro de Recursos Educativos (CRE), que promoveu a articulação entre os diversos parceiros envolvidos: escolas, direções regionais e autarquias; a Formação contínua e especializada no domínio das bibliotecas escolares, destinada a docentes e auxiliares de ação educativa; a Atribuição de destacamentos e créditos horários aos professores responsáveis pelas bibliotecas escolares, do 1º, 2º e 3º ciclos do ensino básico e ensino secundário, respetivamente; bem como a criação de mestrados com temas sobre as bibliotecas escolares; e ainda a edição de um conjunto de documentos técnicos de apoio às BE/CRE; assim como a Introdução de alterações no desenho dos espaços afetos às BE/CRE, nomeadamente nas novas construções escolares; sem esquecer a Homologação pelos serviços do ME de novo mobiliário específico para as BE/CRE e a aquisição de Software normalizado para a gestão de bibliotecas; a que se acrescenta a Criação de condições favoráveis à introdução e utilização das TIC na BE/CRE, rentabilizando recursos materiais e humanos existentes nas escolas; bem assim como a organização de encontros, seminários e ações de formação sobre bibliotecas escolares.

2.3 Rede de Biblioteca Escolares: programa e objetivos

Através do Despacho Conjunto nº 184/ME/MC/96, de 27 de Agosto, constitui-se uma estrutura responsável pela implementação e monitorização do programa de requalificação das bibliotecas escolares, o Gabinete da Rede das Bibliotecas Escolares, sob a direção de Teresa

Calçada. No Ofício-circular de 14/10/1996 pode ler-se que o Gabinete tem como missão “apoiar a criação e o desenvolvimento de Bibliotecas escolares entendidas como centros de recursos educativos e multimédia. O Programa Rede de Bibliotecas Escolares não se quer impor nem sobrepor às escolas e às suas comunidades pois está amplamente provado que qualquer mudança na qualidade pedagógica só é eficaz e consistente quando os seus protagonistas assumem a iniciativa dessas mudanças e se empenham na sua consecução”. Isto significa que a efetivação do Programa exige a satisfação de alguns pressupostos: o processo de lançamento da inovação deve ser assumido pela direção da escola; as iniciativas deverão ser, em grande medida, da responsabilidade dos professores; requer-se que um número significativo de professores e de alunos adiram às propostas e se envolvam nas atividades delas decorrentes; é necessário que os pais dos alunos aceitem a inovação e a percecionem como um benefício para os filhos. O programa da Rede das Bibliotecas Escolares deve ter em conta um conjunto de objetivos estratégicos:

1. Lançar e desenvolver o Programa Rede de Bibliotecas Escolares, que se prolongará pelos anos considerados necessários para abranger todas as escolas do país;
2. Incentivar as escolas a candidatarem-se ao programa de criação e/ou desenvolvimento das suas bibliotecas, que decorrerá, mediante dinâmica própria, num período de entre dois e quatro anos;
3. Apoiar as escolas com menor capacidade de iniciativa, para que todas sejam abrangidas pelo programa;
4. Criar condições para que, após um período de funcionamento nos moldes recomendados pelo programa, cada biblioteca escolar possa ser vista por alunos, professores e pais, como um importante recurso.

A integração das bibliotecas escolares na RBE foi feita através de candidaturas lançadas anualmente em duas modalidades diferentes: uma designada de Candidatura Concelhia, resultante de um protocolo entre a autarquia, a escola e a RBE; e outra designada por Candidatura Nacional, destinada às escolas de municípios que não reuniam as condições para a candidatura concelhia.

A seleção das escolas realizou-se de acordo com o espaço da biblioteca, que deve ter no mínimo uma área de 50 m², no caso das escolas do 1º ciclo, e 15% do número total de alunos vezes 3,6 m², no caso de escolas do 2º e 3º ciclos e secundárias, mediante a apresentação de um projeto de dinamização da biblioteca. As escolas selecionadas tiveram direito a um apoio financeiro consignado à realização de obras de intervenção no espaço, bem como à aquisição de mobiliário, equipamento, fundo documental e de *software*² de gestão de catálogo.

² O programa de computador com manuais e especificações para gestão do catálogo da BE (Bibliobase).

O acompanhamento da instalação das bibliotecas e/ou equipamento e desenvolvimento dos trabalhos é confinado a um grupo de docentes, colaboradores da RBE, designados coordenadores interconcelhios.

O projeto da Rede das Bibliotecas Escolares teve início em 1997 e pretendia abranger entre 80 a 100 escolas, integradas em cada uma das Direções Regionais de Educação. A meta, a longo prazo, era dotar, até 2003, todas as cerca de 10 mil escolas dos Ensino Básico e Secundário com bibliotecas modernamente equipadas e com equipas de professores e funcionários com formação adequada. O critério seguido para a seleção das primeiras escolas prende-se com o facto de as mesmas se situarem fora dos grandes centros urbanos mas perto de uma Biblioteca Municipal que tivesse capacidade para prestar apoio técnico. A respetiva Câmara Municipal, no caso das escolas do 1º ciclo, deveria assegurar a realização das necessárias obras para dotar as escolas de espaços condignos ao funcionamento de uma verdadeira biblioteca.

No 1º ano de lançamento do Programa foram apoiadas 87 escolas de todos os níveis através da Candidatura Concelhia e 82 escolas por Candidatura Nacional. No ano de 1998, entram para a Rede mais 119 escolas, por via da Candidatura Concelhia e 62 pela Candidatura Nacional. Parecia, desde logo, começar a configurar-se um claro afastamento das previsões iniciais, como se veio a verificar, pois a este ritmo dificilmente se atingiriam as 10 000 escolas integradas na RBE até 2003. Entretanto foram já integradas no programa todas as escolas do 2º e 3º ciclos, 90% das escolas secundárias e uma parte significativa das escolas do 1º ciclo, num investimento que ronda os 40 milhões de euros.

Em Agosto de 2006 foi criado um gabinete para a elaboração e execução de um programa de instalação da Rede de Bibliotecas Escolares (<http://www.rbe.min-edu.pt>). Foi deste modo que nasceu oficialmente a RBE, tendo como objetivo principal prover as bibliotecas escolares de espaço específico, equipamentos e recursos humanos adequados às suas funções, de acordo com critérios documentais e pedagógicos.

No ano de 2009, foram integradas na RBE todas as bibliotecas das escolas secundárias e do 2º e 3º ciclos e foi criada a figura do Professor Bibliotecário (PB). Com todo este processo, pretende-se que as bibliotecas escolares se afirmem como estruturas fundamentais das escolas com capacidade para formar alunos através de um conhecimento construtivo e não passivo. Passa a caber à BE a dinamização de atividades formativas e de aprendizagem junto dos utilizadores.

2.4 O Professor Bibliotecário

A gestão da biblioteca implica uma atitude positiva e otimista por parte do professor bibliotecário (PB), visto que esta funciona como um espaço aberto, um espaço de todos e para todos. O PB, enquanto líder, deve encontrar o equilíbrio, evitando tanto o excesso de confiança como a ausência desta, contribuindo para o espírito analítico e crítico. Cabe-lhe elaborar, de forma clara e objetiva, regimentos, regulamentos e outros documentos que plasmem o modo de funcionamento pedagógico das atividades da biblioteca, os quais devem ser divulgados pela comunidade educativa. Exige-se-lhe, portanto, a capacidade de desenvolver relações fortes com todos os docentes implicados no processo ensino aprendizagem dos alunos.

2.4.1 Missão

A BE passa a ocupar na escola um lugar muito importante na organização pedagógica da escola, o que pressupõe a criação de condições para a sua dinamização. De acordo com os manifestos internacionais da International Association of School Librarianship (IASL), a ação da BE deve abarcar domínios como o desenvolvimento da literacia e das competências de informação, o apoio ao ensino e à aprendizagem, ao currículo e o desenvolvimento da consciência cultural e social. Tais propósitos incluem a existência de professores habilitados para o exercício de funções coordenadoras nas BEs, nomeadamente quando pensamos na organização, planeamento e gestão. O professor bibliotecário – “school librarian”, segundo a terminologia internacional utilizada – assoma, assim, como peça indispensável ao cumprimento da missão atual da Escola, globalmente considerada, e da BE, em especial. O atual estatuto exige que seja uma pessoa devidamente capacitada para a gestão e dinamização desta nova estrutura, em articulação com a direção da escola e todo o corpo docente tendo em conta o projeto educativo da escola e as motivações da comunidade escolar.

Contudo, apesar da amplitude e exigência das funções acima descritas, continua a ser atribuído ao professor bibliotecário (PB) um número de horas bastante reduzido, o que na prática acaba por embargar a consecução de algumas atividades. Por outro lado, o PB concentra ainda muito do seu tempo nas tarefas de gestão documental e de organização dos serviços, passando para segundo plano as práticas colaborativas entre a equipa da BE e os docentes em geral.

A Portaria nº 756 de 14 de Julho de 2009, no n.º 2 do artigo 3º, veio estabelecer um conjunto de incumbências do professor bibliotecário, que passamos a enumerar: “a) Assegurar serviço de biblioteca para todos os alunos do agrupamento ou da escola não agrupada; b) Promover a articulação das atividades da biblioteca com os objetivos do projeto educativo, do projeto curricular de agrupamento/escola e dos projetos curriculares de turma; c) Assegurar a

gestão dos recursos humanos afetos à(s) biblioteca(s); d) Garantir a organização do espaço e assegurar a gestão funcional e pedagógica dos recursos materiais afetos à biblioteca; e) Definir e operacionalizar uma política de gestão dos recursos de informação, promovendo a sua integração nas práticas de professores e alunos; f) Apoiar as atividades curriculares e favorecer o desenvolvimento dos hábitos e competências de leitura, da literacia da informação e das competências digitais, trabalhando colaborativamente com todas as estruturas do agrupamento ou escola não agrupada; g) Apoiar atividades livres, extracurriculares e de enriquecimento curricular incluídas no plano de atividades ou projeto educativo do agrupamento ou da escola não agrupada; h) Estabelecer redes de trabalho cooperativo, desenvolvendo projetos de parceria com entidades locais; i) Implementar processos de avaliação dos serviços e elaborar um relatório anual de auto-avaliação a remeter ao Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares (GRBE); j) Representar a biblioteca escolar no conselho pedagógico, nos termos do regulamento interno”.

Duas grandes linhas de atuação derivam do diploma citado. Muito sucintamente, podemos concluir que: por um lado, cabe ao PB manter a coleção organizada e atualizada, de modo a colocar ao dispor dos utilizadores da BE os recursos necessários aos seus interesses e às atividades curriculares; e, por outro lado, deve disponibilizar-se para trabalhar em conjunto com a comunidade educativa, no sentido de atingir os objetivos, tanto das áreas curriculares, como do projeto educativo da escola, contribuindo para o melhor sucesso escolar dos alunos.

2.4.2 O Professor Bibliotecário e a Direção

O cumprimento da missão atribuída ao professor bibliotecário requer que se disponha a uma busca permanente de atualizações e especializações; espera-se que seja um profissional ativo, dinâmico e vocacionado para a interação com os diversos agentes da comunidade educativa. Deve, também, ser capaz de enfrentar desafios e dificuldades que ocorrem no meio escolar, como a falta de recursos financeiros e tecnológicos. Os bibliotecários são, em especial, mediadores privilegiados dos processos de promoção das várias formas de literacia e do incentivo à leitura, com um assinalável impacto no contexto social, científico, educacional e cultural, de que deve resultar uma nova perspetiva de vida e visão de mundo. Uma missão em que o entrosamento com a Direção da Escola constitui uma condicionante fundamental. Na verdade, o sucesso das atividades desenvolvidas pela equipa da BE exige que se perspetive como um trabalho conjunto, uma cumplicidade entre PB, direção e outros docentes. “O apoio da gestão da escola é essencial se se pretende que a biblioteca promova atividades interdisciplinares.

Este entendimento é bem assinalado nas Diretrizes da IFLA para as Bibliotecas Escolares, que relevam a existência de uma relação próxima entre o diretor da escola e a BE. O bibliotecário deve prestar contas diretamente ao presidente da Direção da Escola, ou Diretor. É extremamente importante para ele ser aceite como um membro de pleno direito dos quadros de profissionais e poder participar no trabalho de equipa e em todas as reuniões enquanto responsável máximo do sector da Biblioteca” (IFLA, 2002, p.12).

Ainda segundo a IFLA, o PB deverá ser visto como um parceiro tático, como agente principal da mudança, como auxiliador do processo de melhoria da relação entre PB e direção da escola, partilhando dos mesmos objetivos para, em conjunto, atingirem os mesmos fins. A este respeito, recomenda a citada Associação que: “enquanto líder educativo da escola e elemento chave na construção de enquadramento e ambiente para o desenvolvimento do curriculum, o(a) diretor(a) deve estar ciente da importância de um serviço eficaz de BE, e encorajar a sua utilização. O(a) diretor(a) deve trabalhar de perto com a biblioteca na elaboração dos planos de desenvolvimento da escola, especialmente nas áreas da literacia da informação e dos programas de promoção da leitura. No momento da concretização das planificações, o diretor deve garantir uma gestão flexível do tempo e dos recursos para permitir aos docentes e aos alunos o acesso à biblioteca e aos seus serviços. O(a) diretor(a) deve ainda assegurar a cooperação entre a equipa docente e a equipa da biblioteca. Ele ou ela devem garantir que os bibliotecários escolares sejam envolvidos no ensino, na gestão curricular, na formação contínua do pessoal, na avaliação do programa e da aprendizagem dos alunos. Na avaliação global da escola o(a) diretor(a) deve integrar a avaliação da biblioteca (ver Capítulo 1) e destacar o contributo vital que um serviço de biblioteca escolar sólido presta ao cumprimento de padrões educativos” (IFLA, 2002, p.16).

2.4.3 O Professor Bibliotecário, a equipa da BE e os docentes

Uma equipa corresponde a um número de pessoas que se associam num determinado trabalho ou atividade com um objetivo comum, segundo um corpo de regras específico. Contudo, para que a equipa seja um todo conjugado, terá de existir um espírito e uma vontade contínua de melhoria aliada à formação de uma identidade de equipa, através da qual se articule o sentimento de pertença e de empenho relativamente a um fim coletivamente procurado. Lembremos que é a aceitação mútua dos elementos da equipa que impele à eficiência dos seus membros. O compromisso possibilita a durabilidade da equipa e a sua resistência às adversidades. Segundo Blanchard, “uma equipa, quando trabalha eficazmente, pode tomar melhores decisões, resolver problemas mais complexos e fazer mais para realçar a criatividade e desenvolver mais as competências do que os indivíduos que trabalham sozinhos” (2007, p.155).

Atualmente, a liderança da biblioteca escolar passou a ser da responsabilidade de um PB, coadjuvado por uma equipa. A Portaria 756/2009 de 14 de Julho, no seu artigo 4º, veio estipular, precisamente, os termos da natureza da equipa a criar: “1. Em cada agrupamento ou escola não agrupada é criada uma equipa que coadjuva os professores bibliotecários, nos termos definidos no regulamento interno. 2. Os docentes que integram a equipa da biblioteca escolar são designados pelo diretor do agrupamento ou da escola não agrupada de entre os que disponham de competências nos domínios pedagógico, de gestão de projetos, de gestão da informação, das ciências documentais e das tecnologias de informação e comunicação. 3. Na constituição da equipa da biblioteca escolar, deve ser ponderada a titularidade de formação de base que abranja as diferentes áreas do conhecimento de modo a permitir uma efetiva complementaridade de saberes.”

O professor bibliotecário, como gestor de informação e professor, deverá colaborar com os alunos para que sejam idóneos na seleção, uso e comunicação da informação. Entretanto, não é suficiente trabalhar com os alunos, é primordial realizar um trabalho colaborativo e cooperativo com os docentes, potenciando e experimentando a introdução de novas estratégias de aprendizagem. Isto exige uma mudança na prática docente e nas planificações, assim como nas metodologias. Por este motivo, a Declaração Política da IASL sobre Bibliotecas Escolares anuncia que: “todos os sistemas de educação devem ser estimulados a alargar os contextos de aprendizagem à BE não os reduzindo ao professor e ao manual” (IASL, 1993, p.3).

Sempre que exista um trabalho colaborativo entre todos os docentes e o/a PB, a consciencialização da função da BE torna-se mais clara e eficiente. De facto, só poderá haver mudança efetiva quando nas escolas o ambiente de trabalho for de contínua interdisciplinaridade. Se as relações entre professores e PB forem relações duradouras e interdependentes, partilhando objetivos, definindo os papéis a assumir no processo educativo e mediante um planeamento baseado nos conhecimentos, nas habilidades e aprendizagens dos alunos, então, estaremos a trabalhar no sentido destes alcançarem um maior e mais efetivo sucesso escolar.

2.5 A RBE e o Modelo de Auto Avaliação das Bibliotecas Escolares

Em 2008, o Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares (GRBE) apresentou um modelo de autoavaliação resultante de um estudo profundo de vários modelos existentes. A construção do modelo integrou um conjunto de princípios definidos em documentos de referência para as bibliotecas escolares, que foram difundidos pela UNESCO, IFLA e a IASL e que têm como objetivo principal preparar-nos para a reconceptualização da biblioteca escolar.

Entretanto, o Modelo de Autoavaliação para as Bibliotecas Escolares (MABE), apresentado pela RBE, acabou com uma prática existente nas bibliotecas escolares que valorizava certos fatores ³ em detrimento dos impactos que a biblioteca escolar pode ter na escola e nas aprendizagens dos alunos. O pressuposto do MABE é apoiar o desenvolvimento das bibliotecas escolares e provar a sua contribuição e impacto no ensino e na aprendizagem, de modo a que a biblioteca escolar corresponda cada vez mais às necessidades da escola, ao cumprimento da sua missão e objetivos. Assim, o MABE surge como indutor de ações de melhoria contínua e facilitador da inserção das práticas da biblioteca escolar nas rotinas da escola. Cabe ao MABE fornecer o quadro de referência para apreciar até que ponto a missão e objetivos estabelecidos para a BE estão ou não a ser alcançados, bem como propiciar a identificação das práticas que têm sucesso e quais as que precisam ser melhoradas (MABE, 2009).

Atualmente, a existência de um modelo de autoavaliação para as bibliotecas escolares portuguesas permite, à semelhança do que acontece noutros países com tradições nesta área, dotar as bibliotecas e consequentemente as escolas de um instrumento pedagógico que lhes possibilite aferir a qualidade do trabalho que desenvolvem e a eficácia do serviço que prestam. Embora, por si só, o modelo não garanta as transformações necessárias, pois isso implica alterar as práticas correntes. Seja como for, a avaliação assume neste âmbito um papel determinante, cabe-lhe validar o que se faz e como se faz. Devendo para tal centrar-se, essencialmente, no impacto qualitativo da biblioteca, isto é, na aferição das modificações positivas que o seu funcionamento tem nas atitudes, valores, conhecimentos e *competências* adquiridas pelos seus utilizadores.

Durante dois anos, o modelo foi colocado nas escolas a título experimental e, ao longo deste período as reações, sugestões, observações e constrangimentos foram comunicados ao GRBE com o intuito de ajustar o modelo à realidade das escolas. No ano letivo 2009-2010, surgiu a versão final do MAABE, que se encontra organizado em quatro domínios, apresentando cada um deles vários subdomínios (com exceção do domínio B). “Os domínios selecionados representam as áreas essenciais para que a BE cumpra, de forma efetiva, os pressupostos e objetivos que suportam a sua ação no processo educativo” (Conde, Martins, & Bastos, 2011). Os referidos domínios distribuem-se da forma que passamos a explicitar.

Os domínios A e B focam as literacias da informação e da promoção da leitura, como principais zonas de atuação da BE, com o objetivo de avaliar os níveis de colaboração entre professor bibliotecário e os restantes docentes no desenvolvimento de atividades planificadas

³ Referimo-nos às instalações, equipamentos, financiamento, coleções, os processos e as visitas à biblioteca, empréstimos, consultas do catálogo, pesquisas, materiais produzidos, entre outros.

conjuntamente e orientadas para o sucesso do aluno. A relação entre a BE e a aprendizagem é um dos fatores críticos de sucesso que valida a importância da biblioteca na escola. É no domínio A que as áreas curriculares não disciplinares se apresentam como verdadeiras oportunidades para o trabalho colaborativo e para o desenvolvimento de competências de leitura e de informação. O domínio C centra-se em programas formativos desenvolvidos pela biblioteca escolar, enquanto o domínio D se focaliza na acessibilidade dos serviços prestados pela BE, na coleção e nos recursos humanos e materiais. Cada um destes domínios desdobra-se em subdomínios, que se apresentam no quadro nº 1.

Cada domínio e subdomínio oferecem um conjunto de indicadores quantitativos e qualitativos que se concretizam em diversos fatores de sucesso. Os indicadores são elementos de mediação que irão possibilitar uma apreciação sobre a qualidade da BE. Medir continuamente o desempenho da organização através de indicadores permite-nos obter uma base comparativa da melhoria da qualidade.

O resultado da autoavaliação de cada domínio deverá ser registado na tabela respetiva do relatório final, que identifica as evidências recolhidas em cada subdomínio, assim como os respetivos pontos fortes e fracos. A arquitetura do modelo de autoavaliação das bibliotecas escolares conclui-se com a integração das sugestões de ações de melhoria.

Domínio A – Apoio ao desenvolvimento Curricular
A.1 - Articulação curricular da Biblioteca Escolar com as estruturas de coordenação e supervisão pedagógicas e os docentes.
A.2 - Desenvolvimento da literacia da informação, tecnológica e digital.
Domínio B – Leituras e Literacias.
Domínio C – Projetos, Parcerias e Atividades Livres e de Abertura à Comunidade
C.1 – Apoio a atividades livres, extra-curriculares e de enriquecimento curricular.
C.2 – Projetos e Parcerias.
Domínio D – Gestão da Biblioteca Escolar
D.1 – Articulação da Biblioteca Escolar com a Escola/Agrupamento. Acesso a serviços prestados pela Biblioteca Escolar.
D.2 – Condições humanas e materiais para a prestação de serviços
D.3 – Gestão da Coleção/da informação

Tabela 1 - Domínios e subdomínios do Modelo de Autoavaliação da Biblioteca Escolar

A aplicação do modelo tem uma duração de quatro anos, um ano para cada domínio, sem com isto se querer espartilhar o trabalho da biblioteca. Avaliar um domínio não significa abandonar as outras vertentes da biblioteca; é, aliás, na sua integração que reside a arte de gerir.

3 Estudo Empírico

3.1 O Agrupamento e a Biblioteca Escolar

O território administrativo do Agrupamento de Escolas do Vale do Alva situa-se na região interior norte do Distrito de Coimbra, pertencente ao Concelho de Oliveira do Hospital, tendo como limite, a Norte, a estrada nacional nº17, e, a Sul, o cume da Serra do Açor. A Escola sede é a Escola Básica Integrada da Ponte das Três Entradas, sita na própria localidade de Ponte das Três Entradas, na freguesia de S. Sebastião da Feira.

A região envolvente é geograficamente caracterizada pela sua orografia sinuosa, mas de rara beleza, pelos recortes dos profundos vales fluviais dos rios Alva e Alvôco. Tem como pano de fundo a Serra da Estrela e toda a área envolvente do seu parque natural.

Fazem parte deste Agrupamento as Freguesias de Aldeia das Dez, Alvôco de Várzeas, Avô, Lourosa, Penalva de Alva, S. Gião, S. Sebastião da Feira e Vila Pouca da Beira, recebendo ainda alunos provenientes do Piódão. A população efetiva destas aldeias tem sofrido nos últimos anos algumas oscilações, principalmente no que diz respeito à população ativa. A desertificação do meio rural, motivada pela crescente onda de emigração, para além da deslocação dos jovens casais para as áreas urbanas tem contribuído, nos últimos anos, para o decréscimo da população escolar do Vale do Alva.

A estrutura económica destas aldeias do Concelho de Oliveira do Hospital assenta, ainda hoje, na agricultura tradicional de minifúndio, cuja produção visa essencialmente o consumo próprio. Nestas aldeias existe um significativo número de empresas de construção civil e algumas indústrias de reduzida dimensão (serração, resinagem, cutelaria, alumínio, panificação e pastelaria), e algumas atividades artesanais (tecelagem, cestaria, trabalhos em madeira, trabalhos artísticos em linho e latoaria). Saliente-se, no entanto, a existência de uma rede viária com algumas deficiências, características do interior de Portugal.

Do ponto de vista socioeconómico, destaca-se o envelhecimento da população e as escassas oportunidades de emprego. As dificuldades de sobrevivência de algumas empresas do setor têxtil são uma realidade incontestável, que compromete o desenvolvimento desta região. Toldam-se, pelo seu efeito, todas as aspirações dos jovens adolescentes que, vivenciando o seu desaire, caem nas malhas da dependência e da consequente exclusão.

Em especial, para o âmbito do nosso estudo, é de realçar o baixo nível de literacia da população, fator que condiciona o desenvolvimento, a aprendizagem dos alunos e suas aspirações futuras.

O Agrupamento do Vale do Alva engloba a Escola Básica Integrada de Ponte das Três Entradas, que é a escola sede, com 1º, 2º e 3º ciclos e 3 Jardins de Infância (Alvôco, Lourosa e Penalva de Alva, a que acrescem duas turmas do 1º Ciclo fora da escola sede, em Lourosa) serve cerca de 300 alunos. O Agrupamento conta com 47 docentes e educadores, uma psicóloga

presente na escola uma tarde por semana, 28 assistentes operacionais e 5 administrativos. (Vide Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas do Vale do Alva⁴, 2009/2012- ANEXO I)

A Biblioteca Escolar Prof. Doutor Pina Martins⁵ (integrada na Rede de Bibliotecas Escolares desde 2007) é um recurso muito solicitado por toda a comunidade escolar, particularmente por alunos, docentes e assistentes operacionais.

A Biblioteca Escolar tem como principal intuito servir, o melhor que pode, os seus utilizadores, e, por isso, definimos o seu regime de funcionamento em função das necessidades encontradas. Em particular, no que diz respeito ao horário de funcionamento procuramos ir ao encontro das possibilidades dos utentes. No seguimento de uma análise da procura estabeleceu-se a abertura da BE entre as 9h00 e as 16h45; um período que corresponde ao início e término das aulas.

A BE Pina Martins é um espaço bem equipado, apetrechado e decorado ao nível do fundo documental e físico. Na imagem infra apresenta-se a zona de atendimento.



Imagem 1 - Secção de Atendimento na BE.

⁴ Os dados do número de alunos, docentes, não docentes e de escolas referidos neste Projeto Educativo datam do ano letivo 2009/2010.

⁵ **José Vitorino de Pina Martins** (Penalva de Alva, 18 de Janeiro de 1920 — Lisboa, 28 de Abril de 2010) foi um filólogo e investigador português estudioso da cultura portuguesa e europeia do Renascimento, autor de mais de duas centenas de estudos históricos e bibliográficos em português, francês, italiano e inglês, publicados desde 1960. Em 1974 defendeu a sua tese de Doutoramento obtendo a mais alta classificação. Foi ainda diretor do Serviço de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian. Por tudo isto e por ser oriundo da zona pedagógica deste agrupamento foi dado o seu nome à biblioteca escolar em forma de homenagem.

Contudo, em termos informáticos, a BE apresenta algumas carências: quatro dos oito computadores da BE são muito antigos e a maioria do tempo letivo não funcionam bem (ver imagem 2). Acresce o facto de não existirem recursos humanos suficientes para apoiar o uso das TIC no Agrupamento. Só há um docente assignado a este trabalho que, para além de lecionar as TIC e Matemática, é coordenador do PTE. Apesar destas dificuldades, devemos salientar que o mobiliário da BE foi todo substituído em 2007, está em boas condições e revela-se ajustado.



Imagem 2 - Utilização de Computadores

A Pina Martins tem como principal objetivo servir uma comunidade escolar. É um lugar de exploração do Universo atual da informação e constitui um elo estratégico de ligação entre a comunidade escolar e o meio exterior. Cumpre o papel de recolha, tratamento e difusão de Informação, contribuindo para a aquisição de conhecimentos, o desenvolvimento de competências vocacionais, a capacidade de participação e responsabilidade, que estão na base de uma oferta de educação qualificativa, no combate ao insucesso e abandono escolar.

A missão da BE tem sido promover uma articulação concertada e incessante entre todos os que diariamente trabalham em proveito de uma escola de todos e para todos, estimulando sempre uma verdadeira cultura de biblioteca, através de ações que levem a potenciá-la nas suas práticas letivas.

A atualização do fundo documental foi feita com o apoio da Rede de Bibliotecas Escolares, o Plano Nacional de Leitura e pelo próprio Agrupamento. Atualmente, a biblioteca dispõe de uma coleção, em regime de livre acesso, de 5359 documentos, dos quais 5129 são documentos livro, 223 são em suporte não livro e 7 são publicações periódicas com continuidade. Possui 66 lugares sentados, distribuídos por 24 mesas individuais, duas redondas de 6 a 8 lugares cada, a que estão associadas 46 cadeiras, 5 pufes e 8 sofás individuais. Estão

disponíveis 9 computadores (PC, monitor, teclado e rato) – sendo que um deles serve só o programa de catalogação e requisição de documentos – 2 televisores, 2 leitores de DVD, 1 aparelhagem e 5 auscultadores, 1 projetor e 1 fotocopadora. A BE foi organizada segundo as normas da RBE e CDU, estando o catálogo exposto em mobiliário adequado ao fácil acesso. As condições de luminosidade e iluminação são boas, primando o espaço pelo conforto e acessibilidade (ver imagem 3).



Imagem 3 - Secção de Estudo e Realização de Trabalhos de Grupo

Pretende-se que a Biblioteca Escolar seja um centro permanente de recursos educativos e um espaço privilegiado de cultura, proporcionando situações facilitadoras da aprendizagem e da aquisição das competências de informação. Por isso, impõe-se a formação dos alunos, enquanto seus principais utilizadores, criando-lhes condições para que sejam construtores do seu próprio conhecimento, de modo a que adquiram autonomia e competência nos domínios da informação escrita, (ver imagem 4) audiovisual (ver imagem 5) e multimédia, bem como na produção de documentos em suportes e linguagens diversificadas (ver imagem 6).



Imagem 4 - Produção de documentos escritos



Imagem 5 - Secção de Audiovisuais



Imagem 6 - Produção de documentos diversos

A BE Pina Martins pode apontar-se como fator preponderante de mudança de ambiente de aprendizagem da escola, porquanto integra uma filosofia de aprendizagem caracterizada pelo envolvimento de todos, em que se afirma o espírito de interajuda. É neste ambiente que se desenvolve um plano diversificado de atividades que envolve, além dos alunos, os vários departamentos, a direção, os encarregados de educação e os funcionários da escola. A título ilustrativo destacamos as seguintes atividades: exposições temáticas; concursos de leitura e escrita; sessões de trabalho; trabalhos de investigação; sessões de orientação do estudo; sessões de leitura orientada e colaboração e divulgação com/no Jornal Escolar; atividades e concursos do Plano Nacional de Leitura (PNL) e da Rede de Bibliotecas Escolares (RBE).

3.1.1 Promover sessões de leitura orientada

Na avisada opinião de Mialaret (1987, p.15), “não nos devemos contentar em ensinar a ler os nossos alunos; temos de os levar a gostar da leitura e a descobrir os prazeres e alegrias que ela lhes pode proporcionar”. Foi no encalço deste espírito que perspetivamos para a BE Pina Martins um conjunto de atividades capaz de corresponder-lhe. Registe-se que na nossa biblioteca funciona uma vez por semana o “Clube de Leitura” para o 2º e 3º ciclos, promovendo a leitura orientada através de um texto adequado e motivador, que os próprios alunos aprovaram.

A partir da leitura, são criadas dramatizações ou outras atividades aliciantes e, ao mesmo tempo, enriquecedoras para estes jovens, como sessões de contos, concursos (A Página perdida, por exemplo) e outros. O mais importante é criar hábitos de leitura, ao mesmo tempo que se pretende desenvolver o gosto pelo ato de ler.

A BE propicia ainda a Hora do Conto para o Pré-Escolar e 1º ciclo na Biblioteca uma vez por semana, em que uma docente conta uma história ou dramatiza-a com fantoches por exemplo e no final os alunos ou recontam a história, ou fazem um desenho sobre esta, ou realçam a frase ou o momento que gostaram mais, desenvolvendo projetos promotores da leitura como é o facto de semanalmente cada aluno leva um livro para casa num saco elaborado pela Equipa da BE e com uma ficha que acompanha o livro e em que os pais e o filho(a) escrevem e/ou desenharam algo sobre a história.

Finalmente, destacamos o Clube de Leitura e Escrita, para os alunos dos 5º e 6º anos que funciona como “oferta de escola” em que se realizam vários tipos de leituras, pesquisa e escrita, ou seja, em cada mês é escolhido um escritor pelos alunos com o acordo da docente e que leciona esse clube, e fazem-se pesquisas e leituras acerca deste e dos seus livros.

3.1.2 Participar em trabalhos de investigação/recolha de informação

Esta atividade realiza-se em articulação com os colegas dos vários departamentos. Os docentes propõem aos seus alunos dentro da área que estão a lecionar, um tema, para pesquisarem e elaborarem os seus trabalhos na biblioteca com ajuda e apoio da professora bibliotecária.

O enquadramento dos trabalhos de investigação e pesquisa pela BE permite ajudar os alunos com mais dificuldades a aprenderem, nomeadamente os que apresentam necessidades educativas especiais.

3.1.3 Realizar exposições temáticas

As exposições devem ir ao encontro das necessidades, podendo inserir-se, por vezes, no currículo de uma disciplina ou de projetos aglutinadores, de modo a expandir as oportunidades dos alunos se relacionarem com a realidade exterior e melhorarem as suas capacidades. Há a este respeito uma grande variedade temática a considerar: autores e escritores; higiene e promoção para a saúde; efemérides ou momentos históricos; localidades ou regiões, etc.

3.1.4 Realizar sessões de trabalho

As sessões de trabalho desenvolvidas na BE têm diversas finalidades.

Em primeiro lugar, destacaremos as sessões de trabalho, cujo intuito primordial é explicitar o modo de funcionamento da BE, a sua estrutura e as zonas em que está dividida, bem como, naturalmente, o processo de pesquisa e de consulta de documentos (segundo a Classificação Decimal Universal).

Em segundo lugar, importa referir um segundo grupo de sessões de trabalho, que podem relacionar-se com temas curriculares abrangentes ou, em especial, com projetos dos alunos no âmbito das unidades curriculares.

3.1.5 Colaborar com o Jornal Escolar

O Jornal Escolar tem vários objetivos: promover a escrita, promover a leitura, divulgar iniciativas, atividades e projetos relacionados com as várias disciplinas e o Plano Anual de Atividades da Escola. Compete a um grupo de alunos, apoiado por dois docentes e pela Biblioteca Escolar, recolher e elaborar os artigos do jornal.

3.1.6 Livros Viajantes

A coordenadora do nível Pré-Escolar, que integra a equipa da Biblioteca Escolar, realiza uma ronda regular de visitas para promover a leitura de um acerbo de livros selecionados. Desloca-se uma vez por semana aos Jardins de Infância para projetar, contar, dramatizar histórias/contos e levar livros requisitados à BE. Por outro lado, os Jardins também vêm à escola para visitas guiadas à BE e a fim de assistirem a histórias dramatizadas. Uma função partilhada pelos professores, a coordenadora do nível Pré-Escolar, a Professora Bibliotecária e a coordenadora da Ocupação de Tempos Livres. Todos estes docentes se articulam no desenvolvimento de atividades promotoras dos níveis de literacia.

A BE organiza ainda sacos individuais personalizados para que cada aluno leve um livro por semana para casa. Cabe a um membro da família a leitura desse livro, devendo anotar numa ficha um pequeno resumo da história e a impressão que causou à criança.

De destacar que nos últimos anos, principalmente desde 2007, a Biblioteca da Escola tem vindo a adaptar-se, tentando constituir-se como centro de aprendizagem, incentivador da mudança e da inovação pedagógica e organizacional da escola. O espírito que se procura desenvolver na BE vai muito para além das aprendizagens específicas às áreas do currículo: “Não se trata apenas de aprender conhecimentos, mas sim aprender a conhecer, não somente aprender pensamentos, mas aprender a pensar, não aprender investigações, mas aprender a investigar, não aprender modos de ser, mas aprender a ser” (Dias 1999, p.45).

3.2 Objetivos e requisitos do estudo

A investigação empírica realizada incidiu sobre as opiniões dos alunos e professores da Escola Básica Integrada de Ponte das Três Entradas. A recolha dos dados foi feita através de dois questionários, que adiante se apresentarão.

Numa investigação deve estabelecer-se uma paridade entre a metodologia e o conjunto de operações necessárias à consecução dos objetivos. No presente caso, o objetivo geral do estudo é apurar quais os princípios, as práticas e as atividades pedagógicas desenvolvidas pela BE do Agrupamento de Escolas do Vale do Alva. Esperamos que o conhecimento resultante da realização deste trabalho possa contribuir para enriquecer a dinâmica da BE Pina Martins, bem como, eventualmente, vir a constituir uma mais-valia para outras Bibliotecas Escolares.

Refletindo os temas da investigação teórica, o trabalho empírico tem como principais objetivos:

- a) Verificar a valorização que os alunos e professores fazem da BE, bem como a respetiva utilização das suas valências;
- b) Identificar as ferramentas informáticas que os alunos utilizam para apoiar os seus estudos;
- c) Averiguar se os docentes (questão 15) reconhecem as vantagens do uso pedagógico da Internet pelos alunos;
- d) Verificar se os docentes dão apoio específico aos alunos para os trabalhos de pesquisa na Internet, quando estes lho solicitam.

3.2.1 Metodologia utilizada na recolha da informação

Para estudar o comportamento de sujeitos (alunos e docentes) e suas interações, em situações não controladas pelo investigador, optou-se por um estudo descritivo simples, que se presta para explicar a realidade considerada, permitindo, numa abordagem exploratória, avançar com hipóteses de estudo. Como assinala Fortin (2000, p.139) “os estudos descritivos visam denominar, classificar e descrever uma população, ou concetualizar uma situação”. Em

particular, “o estudo descritivo simples consiste em descrever simplesmente um fenómeno ou um conceito relativo a uma população, de maneira a estabelecer as características dessa população” (Ibid., 164). Ora, no caso do nosso estudo, pretendemos descrever a frequência de uso da BE e dos seus recursos por parte dos docentes e alunos da Escola Básica Integrada de Ponte das Três Entradas.

Esta investigação foi baseada num estudo prévio da organização educacional. Procurou-se, da forma mais fiável possível, verificar quais as realidades quotidianas da BE e com que frequência os professores e alunos participam nas atividades desta. O nosso intuito foi compreender como a dinâmica da biblioteca escolar, na sua eventual articulação com a estrutura organizacional da escola, responde às suas solicitações e é utilizada por professores e alunos.

3.2.2 Problemas/Hipóteses

Além de esclarecer qual a frequência com que os alunos e professores utilizam a biblioteca escolar, quisemos também verificar quais os recursos mais utilizados e que integração fazem deles os professores no processo de ensino e aprendizagem. Muito em especial, focamos nos recursos que sabemos ser mais importantes para o desenvolvimento das competências fulcrais por parte dos alunos. Mas também questionamos a forma como a biblioteca escolar adapta os seus espaços, a coleção, as normas de utilização e a distribuição dos recursos tecnológicos às necessidades da sua comunidade, eventualmente adotando os princípios e as práticas pedagógicas mais adequadas.

O vertente trabalho teve a sua génese nas dificuldades vivenciadas na experiência da função de Professora Bibliotecária e Coordenadora da Biblioteca Escolar, que exercemos desde 2009. A pergunta de partida deste estudo empírico é a seguinte:

“Qual a utilização da Biblioteca Escolar feita pelos alunos e professores?”

Devemos ter em consideração que este uso determina a promoção da literacia da informação e das aprendizagens para a vida. Daí que se devam considerar as seguintes questões subsidiárias:

- a) Com que frequência os docentes e discentes utilizam os recursos da biblioteca escolar?
- b) Que uso fazem os docentes das TIC nas suas planificações e/ou nas unidades de ensino?
- c) Que apoio específico dão os docentes aos alunos nos trabalhos de pesquisa na Internet, quando estes lho solicitam?

Tendo em consideração o problema deste projeto, formulamos as seguintes hipóteses:

Hipótese 1a: A Biblioteca Escolar é um recurso utilizado frequentemente pelos alunos;

Hipótese 1b: A Biblioteca Escolar é um recurso utilizado frequentemente pelos professores;

Hipótese 2: Os professores integram sistematicamente as TIC e as competências de informação nas suas planificações e/ou nas unidades de ensino;

Hipótese 3: Existem diferenças na utilização da BE por parte dos alunos e dos professores.

As variáveis “frequência” de H_{1a} e H_{1b} foram, respetivamente, medidas pelos itens 3 e 1 dos questionários dirigidos aos alunos e professores (Vide anexos II e III). A variável “integração”, considerada em H_2 , foi medida através do item 6 do questionário em anexo III. Já a variável “frequência” de H_3 pelos itens 3 e 1 dos questionários dirigidos aos alunos e professores (Vide anexos II e III), para se testar se existe alguma diferença na utilização da BE, por parte dos alunos e professores.

3.3 Sujeitos e amostragem

As pesquisas sociais abrangem normalmente um universo de elementos tão grande que se torna impossível considerá-lo na sua totalidade. Por essa razão, é frequente trabalhar com uma amostra, ou seja uma pequena parte dos elementos que compõem o universo escolar.

Na impossibilidade de se estudar toda a população dos 1º, 2º e 3º ciclos do país, que a nível dos docentes é de 15.808, e dos alunos corresponde a 183.070 (ME 2009/2010), estudou-se uma escola do distrito de Coimbra, selecionada pela conveniência de ser a escola onde a investigadora exerce funções.

O Agrupamento de Escolas do Vale do Alva é constituído por 3 jardins de infância, 1 escola do 1º ciclo, e 1 Escola Básica Integrada. A população deste Agrupamento é constituída por 300 alunos, 47 docentes, 28 assistentes operacionais e 5 administrativos. Na Escola Básica Integrada de Ponte das Três Entradas (escola em estudo) ministram-se os 1º, 2º e 3º ciclos, a um total é 223 alunos, distribuídos por 14 turmas, às quais lecionam 42 docentes, apoiados por 22 assistentes operacionais e 5 administrativos.

Na escola em estudo, no âmbito do desenho curricular previsto para o presente ano letivo, privilegiaram-se os seguintes aspetos: a área curricular não disciplinar de Estudo Acompanhado, no 5º e 6º ano, atendendo à falta de métodos e hábitos de estudo e dificuldades na recolha e tratamento da informação; a criação de duas Salas de Estudo: Línguas e Atualidades, destinadas aos alunos do 3º ciclo e com vista ao melhoramento das suas competências de comunicação. De acordo com o Projeto Educativo e o Projeto Curricular, que têm como tema “Educar para os valores rumo ao sucesso”, constituem objetivos da escola a

promoção do sucesso educativo através de metodologias ativas e da utilização pedagógica das novas tecnologias, no quadro da participação e colaboração estreitas de toda a comunidade educativa.

Para a escolha do tema “As bibliotecas escolares: princípios, práticas e atividades pedagógicas” pesou a experiência profissional da docente no âmbito das bibliotecas escolares, onde o contacto com a realidade mostrou a dificuldade em lidar com os novos recursos, integrando-os no contexto escolar. O estudo incidiu sobre um total de 67 sujeitos (alunos e professores), o que corresponde a cerca de 25 % do grupo considerado.

Por sua vez, o grupo amostral foi selecionado, de entre a população da Escola, por amostragem aleatória simples com recurso a uma lista numerada de docentes e alunos e mediante a aplicação de uma tabela de números aleatórios. Do referido processo resultou uma amostra constituída por 51 (22,8%) alunos (33 do sexo masculino, correspondentes a 64,7% e 18 do feminino, correspondentes a 35,2%, com idades compreendidas entre os 6 e os 15 anos), a que acrescem 16 (38%) docentes, 10 do sexo feminino (62,5) e 6 (37,5) do masculino.

3.4 Instrumentação

O instrumento de recolha de dados utilizado foi o questionário, pois parecia ser o mais adequado aos objetivos do estudo, quando considerámos os recursos e as circunstâncias em que a investigação devia decorrer. Numa primeira análise poderíamos dizer que “o questionário é uma forma de entrevista caracterizada pela ausência do entrevistador, por se considerar que para recolher informação sobre o problema objeto de estudo é suficiente uma interação impessoal com o entrevistado” (Gomez, 1996, p.186). Isto significa que podemos considerá-lo como um instrumento que permite a recolha indireta de dados, na forma escrita. Diferentemente da entrevista, o questionário não dá a possibilidade de alterar as questões ou itens elencados.

O questionário tem a virtude de se aplicar a variáveis para as quais são necessários dados mensuráveis; pois trata-se de “um instrumento de medida que traduz os objetivos em estudo com variáveis mensuráveis” (Fortin, 2000, p.249).

Quivy & Campenhoudt (2008) indicam como vantagens do questionário, o facto de permitir à quantificação de uma multiplicidade de dados e de proceder, por conseguinte, a numerosas análises estatísticas inferenciais.⁶

⁶ Os mesmos autores avançam com algumas limitações ou desvantagens, apontando “o peso e o custo geralmente elevado do dispositivo, a superficialidade das respostas, que não permitem a análise de certos processos, a individualização dos entrevistados, que são considerados independentemente das suas redes de relações sociais e o carácter relativamente frágil da credibilidade do dispositivo ” (Ibid., p. 12).

O instrumento aplicado é um questionário standardizado e vocacionado para a Auto Avaliação das Bibliotecas Escolares, da autoria da RBE, que a investigadora utiliza regularmente a fim de elaborar o relatório de auto avaliação da BE. O questionário distribuído aos alunos encontra-se no Anexo II e o questionário dos docentes no Anexo III.

Inicialmente foi entregue aos alunos um questionário de identificação constituído por nove questões e aos docentes um com dezassete questões, com o intuito de recolher informações e tendo como propósito tratar-se a informação sobre as opiniões, interesses, expectativas e situações vivenciadas sobre o tema em estudo.

3.5 Plano e procedimentos

A realização de uma pesquisa implica não só delinear uma população, mas também desenvolver um conjunto de ações, no sentido de alcançar os objetivos inicialmente propostos para o estudo. Além disso, torna-se fundamental que todos os procedimentos a desencadear se façam segundo uma rigorosa conduta ética, respeitando os princípios da bondade, da justiça e de um respeito integral pela dignidade humana.

O Plano de estudo deste Projeto é baseado no modelo descritivo exploratório simples que permite, para uma dada amostra, através de uma descrição, análise e classificação dos factos, processar e construir teorias. Neste estudo descrevem-se algumas características da população considerada, nomeadamente a frequência de utilização da BE, seus recursos e atividades na escola. Com esta abordagem é possível estudar com um apreciável grau de pormenor e profundidade um dado objeto, como por exemplo: uma turma ou uma escola, que é o caso deste projeto.

Prevemos que o trabalho possa fornecer uma informação mais completa e mais precisa sobre a utilização, por parte dos alunos e professores, das práticas e pedagogias educativas/recursos que envolvem a Biblioteca Escolar. A principal ideia é observar, descrever e explicar certos aspetos característicos ou comportamentos de uma população.

A Biblioteca Escolar é procurada principalmente no período da hora de almoço e nos intervalos da manhã e da tarde e também quando há pausas letivas ocasionadas pelas faltas dos professores. Nestas ocasiões não existe um contexto propício à recolha de dados com qualidade. Daí que tenhamos optado por disponibilizar os questionários, durante sensivelmente um mês, aos docentes e aos alunos, através do respetivo Titular da Turma/Diretor de Turma, nos períodos mais propícios à sua receção.

3.6 Análise dos dados

A análise dos dados deve iniciar-se com a estatística descritiva, que visa apresentar uma descrição sumária dos dados e concluir-se com a análise da estatística inferencial, que se destina a apresentar os resultados dos testes estatísticos aplicados às hipóteses aventadas.

Os resultados que seguidamente serão apresentados referem-se às análises estatísticas dos dados recolhidos e serão organizados com o objetivo de dar resposta às questões de investigação, bem como para testar as hipóteses formuladas, ficando a sua interpretação reservada para o capítulo da discussão dos resultados.

3.6.1 Análise da estatística descritiva

3.6.1.1 Questionário dos Alunos

Relativamente aos questionários dos alunos, pode-se verificar na Tabela 2 (questão1) que a amostra aleatória levou a que este estudo incidisse sobre uma maior percentagem de alunos do sexo masculino. Dos 51 alunos da amostra, 33 (64,7%) são do sexo masculino e 18 (35,3%) do feminino.

1. Identificação		
	N.º de Indivíduos	Percentagem
Masculino	33	64.7%
Feminino	18	35.3%

Tabela 2 - Sexo dos alunos

Na Tabela 3 (questão 2) vemos que a amostra aleatória dos alunos devolveu os seguintes valores quanto aos anos e/ou ciclos frequentados pelos inquiridos: 3 (5,9%) são alunos do 7º ano; 5 (9,8%) são alunos dos 2º, 6º e 8º ano; 8 (15,7%) são alunos dos 4º, 5º e 9º; 9 (17,6%) são alunos do 3º ano.

2. Ano de escolaridade que frequentam								
Ensino Básico								
	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano	6º Ano	7º Ano	8º Ano	9º Ano
Frequência	5	9	8	8	5	3	5	8
Percentagem	9.8%	17.6%	15.7%	15.7%	9.8%	5.9%	9.8%	15.7%

Tabela 3 - Ano de escolaridade dos alunos

Na Tabela 4 (questão 3) vemos que 20 (39,2%) alunos dizem frequentar a BE todos os dias, 23 (45,1%) alunos dizem frequentar a BE uma ou duas vezes por semana, 4 (7,8%) alunos dizem frequentar a BE uma ou duas vezes por mês, 1 (2,0%) aluno, uma ou duas vezes por período e 3 (5,9%) alunos dizem frequentar a BE raramente. Isto significa que a maioria dos alunos diz usar com regularidade a biblioteca (todos os dias ou uma vez por semana).

3. Com que frequência costumas usar a biblioteca escolar (BE) para além das atividades letivas?					
	Todos os dias.	Uma ou duas vezes por semana.	Uma ou duas vezes por mês.	Uma ou duas vezes por período.	Muito raramente e de forma irregular.
Frequência	20	23	4	1	3
Porcentagem	39.2%	45.1%	7.8%	2.0%	5.9%

Tabela 4 -Frequência de utilização da BE

Na Tabela 5 (questão 4) vemos que a maioria dos alunos 41 (80%) diz utilizar a BE para requisitar livros para casa. Esta é de longe a razão mais invocada, a que se seguem, com cerca de metade dos casos ou menos: “para utilizar a internet” (22 casos, correspondentes a 43%); “para ver um filme” (17 casos correspondentes a 33%). Ainda mais distantes aparecem “para ouvir música” (12 casos correspondentes a 24%), para participar em “clubes/projetos” (11 casos correspondentes a 22%), “para fazer os trabalhos de casa” (10 casos correspondentes a 20%), “para estudar ou realizar trabalhos” (13 casos correspondentes a 25%), “para conviver” (9 casos correspondentes 18%), “para jogar” (8 casos correspondentes 16%), e “para ler o que me apetece” (9 casos correspondentes 18%). Só 1 (2%) aluno diz utilizar a BE nas atividades de enriquecimento curricular.

4. Com que objetivos mais utiliza a biblioteca fora do período de aulas? Indica as <u>três situações mais frequentes</u>.		
	Frequência	Percentagem
Requisitar livros ou outros materiais para casa.	41	80%
Ler o que me apetece.	9	18%
Jogar.	8	16%
Ver um filme.	17	33%
Ouvir música.	12	24%
Utilizar a internet	22	43%
Conviver/conversar com outros colegas.	9	18%
Estudar ou realizar trabalhos.	13	25%
Fazer os trabalhos de casa.	10	20%
Participar em Atividades Extra Curriculares: clubes, projetos, outros.	11	22%
Ter as Atividades de Enriquecimento Curricular (1º CEB): Apoio ao Estudo, Música, Inglês, Expressões, outros.	1	2%

Tabela 5 - Objetivo de utilização da Biblioteca Escolar

Na Tabela 6 (questão 5.1) vemos que a maior parte dos alunos, 39 (76,5%), refere que as atividades da BE são numerosas e uma minoria, 12 (23,5%) refere que não.

5. Qual a tua opinião geral sobre as atividades culturais dinamizadas pela BE? (Exposições, espetáculos, palestras, debates, sessões de poesia, teatro, concursos, celebração de efemérides, ciclos de cinema, outros)		
5.1. São numerosas?		
	Sim	Não
Frequência	39	12
Percentagem	76.5%	23.5%

Tabela 6 - Opinião sobre as atividades da BE: numerosas

Pela Tabela 7 (questão 5.2) verifica-se que 32 alunos (62,7%) referem que as atividades da BE são diversificadas e 19 (37%) referem que não.

5.2. São diversificadas?		
	Sim	Não
Frequência	32	19
Percentagem	62.7%	37.3%

Tabela 7 - Opinião sobre as atividades da BE: diversificadas

Considerando a Tabela 8, constata-se que 42 alunos (82,4%) referem que são interessantes as atividades da BE e 9 (17,6%) referem que não.

Resumindo os três últimos itens que versam sobre as atividades da BE, torna-se patente que a maioria dos alunos refere que as atividades da BE são numerosas, variadas e interessantes. Embora quanto à variedade exista um valor de maioria mais baixo, o que é consonante com o facto de as atividades da BE incidirem mais no âmbito da leitura.

5.3. São interessantes?		
	Sim	Não
Frequência	42	9
Percentagem	82.4%	17.6%

Tabela 8 - Opinião sobre as atividades da BE: interessantes

Na Tabela 9 (questão 6.1) verifica-se que 46 (90,2%) alunos referem que o horário é adequado, no entanto 5 (9,8%) referem que não.

6. Qual a tua opinião sobre a BE?		
6.1. O horário é adequado aos teus interesses e necessidades?		
	Sim	Não
Frequência	46	5
Percentagem	90.2%	9.8%

Tabela 9 - Opinião dos alunos sobre a BE: horário

A Tabela 10 (questão 6.2) mostra que a maioria dos alunos, 42 (82,4%) dizem que o espaço da BE é agradável e atrativo, enquanto 9 (17,6%) alunos julgam que não.

	6.2. O espaço é agradável e atrativo para os alunos?	
	Sim	Não
Frequência	42	9
Porcentagem	82.4%	17.6%

Tabela 10 - Opinião dos alunos sobre espaço da BE

Na Tabela 11 (questão 6.3) verifica-se que 39 (76,5%) alunos referem que o ambiente da BE é calmo e favorável à sua utilização, enquanto 12 (23,5%) entendem o contrário.

	6.3. O ambiente é calmo e favorável à utilização ao mesmo tempo por vários alunos e grupos em atividades diferentes?	
	Sim	Não
Frequência	39	12
Porcentagem	76.5%	23.5%

Tabela 11 - Opinião dos alunos sobre o ambiente da BE.

Pela Tabela 12 (questão 6.4) constata-se que 42 (82,4%) alunos referem que têm facilidade em encontrar na BE os documentos que precisam e 9 (17,6%) tem opinião contrária.

	6.4. É fácil encontrar os documentos de que precisas?	
	Sim	Não
Frequência	42	9
Porcentagem	82.4%	17.6%

Tabela 12 - Opinião dos alunos sobre a facilidade de encontrar os documentos na BE

A Tabela 13 (questão 6.5) permite verificar que 40 (78%) alunos referem que os livros da BE são atuais e de acordo com os seus interesses, enquanto 11 (21,6%) referem o contrário.

6.5. Os livros são atuais e de acordo com os teus interesses?		
	Sim	Não
Frequência	40	11
Percentagem	78.4%	21.6%

Tabela 13 - Opinião dos alunos sobre a atualidade e interesses dos livros da BE

Pela Tabela 14 (questão 6.6) verifica-se que 41 (80,4%) alunos dizem que os CD/DVD da BE são do seu agrado, embora 10 (19,6%) não tenham a mesma apreciação.

6.6. Os CD, DVD e jogos que a BE põe ao teu dispor para ocupares os teus tempos livres ou requisitos para casa são do teu agrado?		
	Sim	Não
Frequência	41	10
Percentagem	80.4%	19.6%

Tabela 14 - Opinião dos alunos acerca dos CD/DVD da BE

Na Tabela 15 (questão 6.7) verifica-se que 27 (52,9%) alunos indicam que os computadores da BE são em número suficiente, mas 24 (47,1%) têm opinião contrária. Esta divisão muito equitativa das opiniões expressa o facto de os computadores mais desatualizados terem frequentes problemas de funcionamento.

6.7. Os computadores são em número suficiente?		
	Sim	Não
Frequência	27	24
Percentagem	52.9%	47.1%

Tabela 15 - Opinião dos alunos sobre os computadores da BE

Segundo a Tabela 16 (questão 6.8) afere-se que 43 (84,3%) alunos entendem a BE como local de apoio das atividades livres e de estudo, enquanto 8 (15,7%) têm opinião contrária.

6.8. A BE apoia-te nas tuas atividades livres e de estudo?		
	Sim	Não
Frequência	43	8
Percentagem	84.3%	15.7%

Tabela 16 - Opinião dos alunos sobre o apoio da BE nas suas atividades livres e de estudo

Na Tabela 17 (questão 7) pode-se constatar que 11 (21%) alunos dizem participar no clube de leitura, 5 (10%) expressam participar no Jornal da Escola, 8 (16%) alunos no núcleo amigos da BE e 27 (53%) dizem não participar em qualquer clube. Isto pode dever-se a que 22 dos alunos inquiridos frequentam o 1º ciclo e não têm tempos letivos para se inscreverem nos clubes, pelo que somente frequentam as atividades extracurriculares: Inglês, Educação Física e Música.

7. Participas em algum clube, projeto ou Atividade Extra Curricular relacionada com a BE?				
	Clube de Leitura	Jornal	Núcleo de “Amigos da Biblioteca”/monitores	Não participa em clubes
Frequência	11	5	8	27
Percentagem	21%	10%	16%	53%

Tabela 17 - Participação dos alunos em clubes/projetos

Na Tabela 18 (questão 8) vemos que 50 (98%) alunos referem que a BE contribui para a boa convivência, espírito de entreaajuda e autoconfiança, apenas 1 (2%) aluno tem opinião contrária.

8. Consideras que a BE contribui para desenvolver a boa convivência, o espírito de iniciativa e de entreaajuda e a autoconfiança dos alunos?		
	Sim	Não
Frequência	50	1
Percentagem	98.0%	2.0%

Tabela 18 - Contributo da BE para desenvolver a boa convivência, o espírito de iniciativa e de entreaajuda e a autoconfiança dos alunos.

3.6.1.2 Questionário dos Professores

No que concerne aos questionários dos professores, pode-se verificar na Tabela 19 (questão1) que, a amostra aleatória conduziu a uma maior incidência sobre os docentes do sexo feminino. Dos 16 docentes da amostra, 10 (62,5%) são do sexo feminino e 6 (37,5%) do masculino.

1. Identificação		
	N.º de Indivíduos	Percentagem
Masculino	6	62.5%
Feminino	10	37.5%

Tabela 19- Sexo dos Professores

Relativamente à Tabela 20, referente à questão 2, verifica-se que dos professores que dizem utilizar a BE, 9 (56%) dizem utilizá-la diariamente, 5 (31%) uma ou duas vezes por semana e 2 (13%) uma ou duas vezes por mês.

2. Frequência de utilização da BE				
	Diariamente	1 ou 2 vezes por semana	1 ou 2 vezes por mês	1 ou 2 vezes por período
Frequência	9	5	2	0
Percentagem	56%	31%	13%	0%

Tabela 20- Frequência da utilização da BE por parte dos docentes

Na Tabela 21, relativa à questão 3, constata-se que 6 (37%) inquiridos dizem utilizar a BE para ler/ consultar obras de referência com os alunos, 2 (12%) referem utilizar os computadores com os alunos, 2 (13%) vêem DVD com os alunos, 3 (19%) pronunciam-se pela seleção/requisição de materiais para a sala de aula, 1 (6%) diz fazer empréstimo domiciliário com a turma e 2 (13%) dizem realizar trabalho profissional. O objetivo prevalecente é, portanto, de modo destacado “ler/ consultar obras de referência com os alunos”.

3. Com que objetivo utiliza a BE?		
	Frequência	Porcentagem
Ler/consultar com os alunos obras de referência	6	37%
Utilizar os computadores com os alunos	2	12%
Ver DVDs com os alunos	2	13%
Selecionar/Requisitar materiais para a sala de aula	3	19%
Fazer empréstimo domiciliário com a turma	1	6%
Realizar trabalho pessoa e profissional	2	13%

Tabela 20 - Objetivo de utilização da BE.

Na Tabela 22 (questão 4) verifica-se que, 8 (50%) dos inquiridos referem articular com a Equipa da BE/PB regularmente, 6 (38%) ocasionalmente, 2 (12%) sempre e 0 (0%) nunca. A mediana é 7 e está ligeiramente inferior à média que é 8 e se encontra no parâmetro “regularmente”, o que significa que a média dos professores expressa articular com a BE regularmente.

4. Articula com o PB ou a Equipa da BE				
	Sempre	Regularmente	Ocasionalmente	Nunca
Frequência	2	8	6	0
Porcentagem	12%	50%	38%	0%

Tabela 22 - Articulação com a Equipa da BE/PB

Na Tabela 23, relativa ao conhecimento sobre a BE (questão 5), verifica-se que 2 (13%) professores referem que é Muito Bom, 9 (56%) Bom, 5 (31%) razoável e 0 (0%) fraco. A mediana é 7 e a média é 8. Resumindo, os docentes que têm um Bom Conhecimento da BE (9) estão acima da média.

5. Conhecimento dos docentes sobre a BE				
	Muito Bom	Bom	Razoável	Fraco
Frequência	2	9	5	0
Porcentagem	13%	56%	31%	0%

Tabela 23 - Conhecimento dos docentes sobre a BE

Na Tabela 24 (questão 6) podemos ver que os recursos da BE para apoio à prática educativa são classificados por 4 (25%) docentes com Muito Bom, por 8 (50%) com Bom, por 4 (25%) razoável e nenhum caso lhe atribui (0%) Fraco. Isto significa que a totalidade dos inquiridos percebe positivamente os recursos fornecidos pela BE para apoio à prática educativa.

6. Classifique os recursos da BE para apoio à prática educativa				
	Muito Bom	Bom	Razoável	Fraco
Frequência	4	8	4	0
Percentagem	25%	50%	25%	0%

Tabela 21 - Classificação dos recursos da BE

Na Tabela 25 (questão 7), vemos que 3 (19%) docentes dizem integrar sempre as TIC na planificação e tratamento dos conteúdos letivos, 11 (69%) regularmente, 2 (12%) ocasionalmente e 0 (0%) nunca. Os professores inquiridos dizem integrar regularmente as TIC na planificação e tratamento dos conteúdos letivos e, pelo menos 13 (88%), assumem fazê-lo sempre ou regularmente. Estes resultados positivos têm especial interesse para o nosso estudo, que, conforme se referiu anteriormente, se focava, em grande medida, neste aspeto crucial para o desenvolvimento do novo paradigma das bibliotecas escolares.

7. Integra as TIC na planificação e tratamento dos conteúdos letivos				
	Sempre	Regularmente	Ocasionalmente	Nunca
Frequência	3	11	2	0
Percentagem	19%	69%	12%	0%

Tabela 22 - Integração das TIC na planificação e tratamento dos conteúdos letivos

Na Tabela 26, questão 8, vemos que 3 (19%) docentes dizem promover sempre a utilização da BE ou os seus recursos nos trabalhos dos alunos, 10 (62%) regularmente, 3 (19%) ocasionalmente e 0 (0%) nunca. No entanto, pode afirmar-se que os professores que dizem promover regularmente a utilização da BE ou dos seus recursos nos trabalhos dos alunos é prevalecente, entre os inquiridos.

8. Promove a utilização da BE ou dos seus recursos nos trabalhos dos alunos				
	Sempre	Regularmente	Ocasionalmente	Nunca
Frequência	3	10	3	0
Percentagem	19%	62%	19%	0%

Tabela 23 - Promoção da utilização da BE/recursos nos trabalhos dos alunos

A análise da Tabela 27 (questão 9) mostra-se que 5 (31%) docentes dizem que dão sempre as indicações necessárias aos alunos para utilizarem a BE, outros 5 (31%) fazem-no regularmente, 6 (38%) ocasionalmente e 0 (0%) nunca. Estes resultados deixam, também, uma boa imagem da forma como os docentes assumem orientar os alunos na utilização da BE.

9. Quando utilizam a BE os seus alunos têm as indicações necessárias: tarefa, bibliografia ...				
	Sempre	Regularmente	Ocasionalmente	Nunca
Frequência	5	5	6	0
Percentagem	31%	31%	38%	0%

Tabela 24 - Utilização da BE por parte dos alunos com indicações necessárias: tarefa, bibliografia...

Na Tabela 28 (questão 9.1) constata-se que 12 (75%) docentes dizem utilizar um guião de pesquisa produzido por si, 2 (12,5%) o modelo guião de pesquisa proposto pela escola/BE e 2 (12,5%) dão orientações oralmente aos alunos. Estes resultados indicam que os docentes preferem adaptar as indicações de pesquisa a fornecer aos alunos. Uma prática que pode estar relacionada com as especificidades das unidades curriculares a que respeitam as pesquisas solicitadas aos alunos.

9.1. Como apoio para os trabalhos dos alunos costuma utilizar:			
	O modelo guião de pesquisa proposto pela escola/BE	Um guião de pesquisa produzido por si	Orientações que dá oralmente aos alunos
Frequência	2	12	2
Percentagem	12%	75%	13%

Tabela 25 - Apoio utilizado para os trabalhos dos alunos

Analisando a Tabela 29 (questão 10) verificamos que 7 (44%) docentes dizem ter participado em atividades de formação de utilizadores para o uso da BE e 9 (56%) não. Sendo maioritário o número dos que não receberam formação específica, fica evidenciado que há necessidade de a promover. Ainda que se admita que os professores têm, pelo menos, competências mínimas para orientarem a pesquisa bibliográfica, diz-nos a experiência que o autodidatismo é responsável por muitos equívocos.

10. Participou em atividades de formação de utilizadores para o uso da BE		
	Sim	Não
Frequência	9	7
Percentagem	56%	44%

Tabela 26 - Participação em atividades de formação de utilizadores para o uso da BE.

Na Tabela 30 (questão 11), apura-se que 12 (75%) docentes dizem já ter colaborado com a PB/Equipa da BE na realização de atividades, 4 (25%) comunicam nunca ter solicitado colaboração e nenhum dos inquiridos (0%) refere ter pedido e não obtido colaboração. Isto significa que, embora a colaboração prevaleça, temos ainda que trabalhar no sentido de ganhar o empenho de uma margem significativa de docentes.

11. Já colaborou com o PB/Equipa BE na realização de atividades?			
	Sim	Pedi mas não obtive colaboração	Nunca solicitei colaboração
Frequência	12	0	4
Percentagem	75%	0%	25%

Tabela 27 - Colaboração com o/a PB/ Equipa da BE na realização de atividades

Na Tabela 31 (questão 11) pode comprovar-se que 12 (75%) docentes dizem já ter colaborado com a BE na seleção ou produção de materiais, 4 (25%) referem nunca ter solicitado colaboração e 0 (0%) expressa ter pedido mas não obteve colaboração. Estes resultados merecem-nos os mesmos comentários do ponto anterior: um significativo número de docentes requer estímulo para colaborar com a BE.

11. Já colaborou com a BE na seleção ou produção de materiais ...?			
	Sim	Pedi mas não obtive colaboração	Nunca solicitei colaboração
Frequência	12	0	4
Percentagem	75%	0%	25%

Tabela 31 - Colaboração com a BE na seleção ou produção de materiais

Na Tabela 32 (questão 13) verifica-se que o balanço da colaboração com a BE nos trabalhos é avaliada por 5 (42%) docentes como muito positivo, 7 (58%) dizem ser positivo e 0 (0%) pouco positivo e nada positivo. Estes resultados transmitem um balanço positivo do desempenho da BE.

13. Se respondeu sim, qual o balanço da sua colaboração nos trabalhos				
	Muito Positivo	Positivo	Pouco Positivo	Nada Positivo
Frequência	5	7	0	0
Percentagem	42%	58%	0%	0%

Tabela 32 - Avaliação da colaboração com a BE nos trabalhos

Na Tabela 33 (questão 14) pode verificar-se que, quanto às Competências para usar os serviços e equipamentos da BE, 5 (31%) docentes referem que são boas, 11 (69%) médias e 0 (0%) fracas. Quanto às competências para o uso das TIC, 7 (44%) relatam que são boas, 9 (56%) médias e 0 (0%) fracas. No que refere às competências para usar diferentes materiais 8 (50%) referem que são boas, 7 (44%) médias e 1 (6%) docente diz que são fracas. Estes resultados dão-nos uma imagem positiva das competências dos docentes, porém, ainda assim, a situação recomenda investimento na formação se quisermos elevar para bom o nível das competências; um objetivos que nos parece muito desejável.

14. Competências pessoais para o uso da BE						
	Boas		Médias		Fracas	
	Frequência	Percentagem	Frequência	Percentagem	Frequência	Percentagem
Competências para usar os serviços e equipamentos da BE	5	31%	11	69%	0	0%
Competências para uso das TIC	7	44%	9	56%	0	0%
Competências para usar diferentes materiais	8	50%	7	44%	1	6%

Tabela 33 - Competências pessoais para o uso da BE

Na Tabela 34 (questão 15) atesta-se que, quanto às Competências para usar os serviços e equipamentos da BE por parte dos alunos, 5 (31%) docentes referem que são boas, 11 (69%) médias e 0 (0%) fracas. No que respeita às competências dos alunos para o uso das TIC, 7 (44%) docentes declaram que são boas, 9 (56%) médias e 0 (0%) fracas. No que refere às competências dos alunos para usarem diferentes materiais, 5 (31%) docentes referem que são boas, 9 (56%) que são médias e 2 (13%) fracas. Estes três itens deixam-nos a impressão de que a perceção dos docentes sobre as competências dos alunos para o uso autónomo da BE nos diferentes setores é positiva. Contudo, também neste caso parece desejável o investimento no desenvolvimento das competências dos alunos quanto aos domínios considerados.

15. Classifique as competências dos alunos para o uso autónomo da BE						
	Boas		Médias		Fracas	
	Frequência	Percentagem	Frequência	Percentagem	Frequência	Percentagem
Competências para usar os serviços e equipamentos da BE	5	31%	11	69%	0	0%
Competências para uso das TIC	7	44%	9	56%	0	0%
Competências para usar diferentes materiais	5	31%	9	56%	2	13%

Tabela 28 - Competências dos alunos para o uso autónomo da BE

Pela Tabela 35 (questão 16) vemos que os docentes avaliam o contributo da BE para os alunos como positivo: sendo que 3 (19%) docentes fazem uma avaliação de Muito Bom, 10 (62%) de Bom, 3 (19%) de razoável e 0 (0%) de fraco. Encontramos aqui mais um indicador de que o desempenho da BE é positivamente reconhecido.

16. Como avalia o contributo da BE para os alunos				
	Muito Bom	Bom	Razoável	Fracos
Frequência	3	10	3	0
Percentagem	19%	62%	19%	0%

Tabela 29 - Avaliação do contributo da BE nos alunos

Na Tabela 36 (questão 17) constata-se que 8 (25%) docentes dizem já ter utilizado o Guião de Pesquisa da BE, 7 (22%) o Catálogo da BE, 6 (19%) o Guião Como elaborar um trabalho, 5 (16%) a lista de sítios da Web, 4 (12%) a Maleta Pedagógica e 2 (6%) a Webquest. Estes resultados dão-nos a “confirmação” do que antes se aventou: há um significativo trabalho de formação a fazer, se quisermos que a BE seja pedagogicamente explorada a um alto nível.

17. Materiais que utilizou por sua iniciativa ou sugestão da BE						
	Maleta pedagógica	Lista sítios Web	Guião como elaborar um trabalho	Guião de pesquisa	Webquest	Catálogo BE
Frequência	4	5	6	8	2	7
Percentagem	12%	16%	19%	25%	6%	22%

Tabela 30 - Materiais utilizados por sua iniciativa ou sugestão da BE

Analisando a Tabela 36 (questão 17) pode comprovar-se que 7 (44%) docentes dizem considerar a BE como um instrumento de muita influência nos alunos, 8 (50%) dizem considerar a BE como uma ferramenta de influência razoável nos alunos, 1 (6%) docente diz considerar a BE com pouca influência nos alunos e 0 (0%) nada. Mais uma vez, os resultados vêm indicar-nos que o papel da biblioteca é muito importante; um facto que só corrobora as perspetivas defendidas na parte de enquadramento teórico deste trabalho.

18. Influência da BE nos alunos				
	Muito	Razoavelmente	Pouco	Nada
Frequência	7	8	1	0
Percentagem	44%	50%	6%	0%

Tabela 31 - Influência da BE nos alunos

3.6.2 Análise da Estatística Inferencial

A vida humana é, em geral, feita do confronto com opções. Diariamente temos de escolher um sentido entre as alternativas que se nos colocam e, para tal, devemos em primeiro lugar estudar os factos, sopesar os prós e os contras para depois tomarmos uma decisão. Ora acontece que “o investigador deve também considerar os factos, isto é, estudar as observações obtidas numa amostra, depois pesar os prós e os contras destas possibilidades, a fim de tomar a melhor decisão possível, quer dizer, responder às questões de investigação minimizando a possibilidade de cometer um erro” (Fortin, 2000, p.284). No que concerne ao nosso estudo, entendeu-se adequado aplicar às hipóteses o Teste Binomial, que se utiliza comumente para “para comparar a frequência de casos que realmente ocorre nas duas categorias de uma variável dicotómica com as correspondentes frequências esperadas.” (Alan Bryman, 1993, p.146). O Teste Binomial pode assumir os valores da escala utilizada (Nunca; Ocasionalmente; Regularmente; Sempre) se a reduzirmos a duas posições categoriais (positiva vs. Negativa) e presta-se para testar hipóteses sobre a proporção da população. No caso usou-se a proporção de 0,50, significando isto que esperamos confirmar a existência de diferenças significativas entre os casos positivos vs. negativos, em termos da maioria dos casos.

Em H_{1a} (Vide Tabela 37) afirmávamos que a Biblioteca Escolar é um recurso frequentemente utilizado por parte dos alunos. Para testar esta hipótese consideramos o número de casos iguais ou superiores ao posto 3 (englobando, portanto, os casos positivos de utilização: Uma a duas vezes por semana; Uma a duas vezes por mês; Uma a duas vezes por período), em oposição aos casos negativos de utilização (Muito raramente e de forma irregular; Nunca). Nesta última categoria encontramos apenas 4 casos, mas quando se consideram os valores superiores a 3, encontramos 47 casos em 51. Como seria de esperar, o teste da Binomial devolveu a este respeito diferenças estatísticas muito significativas ($p: ,000$) com vantagem para os casos de utilização frequente pelos alunos, de modo que deve rejeitar-se a hipótese nula, cuja formulação seria a menos verosímil de ser considerada para o vertente caso, e aceitar-se H_{1a} .

Binomial Test						
		Category	N	Observed Prop.	Test Prop.	Asymp. Sig (2-tailed)
FU	Group 1	<= 3	4	,08	,50	,000 ^a
	Group 2	> 3	47	,92		
	Total		51	1,00		

a. Based on Z Approximation.

Tabela 32 - Binomial Test – Frequência de utilização da BE por parte dos alunos.

Relativamente à hipótese H_{1b} (Vide Tabela 38), em que se prognosticava que a Biblioteca Escolar é um recurso frequentemente utilizado por parte dos professores, quando se considera o número de casos, iguais ou superiores a 3, encontram-se 0 casos, enquanto que considerando os valores inferiores a 3, encontramos 16 em 16. Daí que, dentro do que seria expectável, o teste da Binomial devolveu diferenças estatísticas muito significativas ($p: ,000$) com vantagem para os casos de utilização frequente pelos professores, de modo que, também neste caso, se deve rejeitar-se a hipótese nula e aceitar-se H_{1b} .

Combinando os resultados relativos às duas hipóteses anteriores, temos base para concluir que a BE Pina Martins é frequentemente utilizada por professores e alunos. Contudo estes resultados devam ser matizados com os que a estatísticas descritiva sugeriu relativa às competências de utilização e cooperação, entre outras variáveis.

Binomial Test						
		Category	N	Observed Prop.	Test Prop.	Exact Sig. (2-tailed)
FU	Group 1	≤ 3	0	,00	,50	,000
	Group 2	> 3	16	1,00		
	Total		16	1,00		

Tabela 33 - Binomial Test – Frequência de utilização da BE por parte dos professores

Em relação à hipótese H_2 , (Vide Tabela 39), apuramos que os professores muito comumente integram competências de informação nas suas planificações e/ou nas unidades de ensino. Quando se considera os valores iguais ou inferiores a 2 (Sempre; Regularmente), encontramos 13 em 16, enquanto na categoria alternativa (Ocasionalmente; Nunca), se registam apenas 3 casos. Isto permite-nos afirmar que existem diferenças estatísticas significativas com vantagem para os casos de utilização frequente pelos professores, rejeitando-se a hipótese nula e devendo aceitar-se H_2 : que os professores comumente integram as competências de informação nas suas planificações e/ou nas unidades de ensino

Binomial Test						
		Category	N	Observed Prop.	Test Prop.	Exact Sig. (2-tailed)
ICI	Group 1	≤ 2	3	,19	,50	,021
	Group 2	> 2	13	,81		
	Total		16	1,00		

Tabela 40 - Binomial Test - Integração das TIC por parte dos professores nas suas planificações e/ou nas unidades de ensino.

Em relação a H_3 selecionamos o Teste de Mann-Whitney, que “compara o número de vezes em que um valor de uma das amostras tem um número de ordem superior ao da outra amostra, em vez de comparar o número de casos que estão acima da mediana” (Alan Bryman, 1993, p.160). Embora se tenha verificado que existem diferenças de frequência de utilização da BE (participação em atividades e tipos de atividades), como não se encontraram diferenças significativas entre a frequência de uso dos alunos face à dos professores, aceita-se a hipótese nula deve, em consequência e rejeitar-se H_3 .

Mann-Whitney Test			
Ranks			
estatuto	N	Mean Rank	Sum of Ranks
RFU aluno	51	32,62	1663,50
professor	16	38,41	614,50
Total	67		

Test Statistics ^a	
	RFU
Mann-Whitney U	337,500
Wilcoxon W	1663,500
Z	-1,128
Asymp. Sig. (2-tailed)	,259

a. Grouping Variable:
estatuto

Tabela 34 - Mann-Whitney Test - Diferenças de frequência de utilização da BE por parte dos alunos e professores.

Conclusão

A escola não pode alhear-se de uma sociedade em que existem dois paradigmas: o educacional e o informacional. Apesar de o primeiro ser intrinsecamente otimista, já que a teleologicamente a educação visa o contínuo aperfeiçoamento dos formandos, sem se articular com o segundo resultaria ser, pelo menos para o mundo de hoje, um paradigma reducionista. Só congregando os dois paradigmas nos é possível criar uma nova escola: uma escola que dá primazia ao Homem, como Sujeito Cultural: “A Educação deve contribuir para o desenvolvimento cultural em todas as suas dimensões, desde a humanística à tecnológica, desde a científica à desportiva” (Tavares, 1996, p.5). O ensino passa a ser centrado no aluno, com a mediação/orientação dos professores, do professor bibliotecário/equipa da BE, dos pais e de todas as fontes de informação, das TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) e de novos modelos de aprendizagem, baseados na articulação de saberes e na interdisciplinaridade, no desenvolvimento de novas competências, do pensamento crítico, e na construção de novos conhecimentos.

A Escola do século XXI deve corresponder a uma sociedade que enfrenta mudanças radicais devido ao poder das TIC. A informação, o conhecimento e a comunicação são fatores que levam à alteração da sociedade que se centrou nas mudanças na economia, na ciência, na educação e na cultura, desembocando na forma de uma sociedade do conhecimento. Para Senge, “uma sociedade que está em mudança precisa de pessoas, também elas, em mudança. As pessoas não resistem à mudança, resistem a mudar por dentro. Enquanto virmos o problema em

termos de eventos, estamos convencidos que as causas dos problemas são externas (1999, p.132). Isto significa que temos de formar hoje para a mudança, para a mudança que já está aí e para a que se avizinha, ou seja, temos de formar para uma sociedade em que o conhecimento não só não para de expandir-se, como faz de forma exponencial, tornando-se crucial as competências da informação e da comunicação, não em si mesmas ou por si mesmas, mas para nos promovermos continuamente como humanos. Qualquer fenómeno humano, seja a economia, seja a técnica ou mesmo a ciência, quando desligado da emancipação humana deixa de ter sentido.

A emergente necessidade de mudança nas práticas educativas e o apoio da tecnologia pode ser uma alavanca importante para tais mudanças. No entanto, nem as teorias educativas, nem a tecnologia, por si só, são geradoras de aprendizagens significativas. As teorias educativas ajudam a construir de forma consistente e profunda melhores estratégias e práticas pedagógicas, que podem, por sua vez, ser potenciadas pela tecnologia. A construção do conhecimento, segundo as teorias construtivistas de aprendizagem, implica o sujeito e o conhecimento que este tem de si mesmo e da realidade envolvente. Todavia, a aprendizagem é também um processo colaborativo que envolve diálogo e partilha entre várias pessoas.

Estamos perante uma sociedade onde os dados que a informação abrange se tornam fundamentais no processo de aquisição de conhecimento que exige ao aluno novas competências em determinados domínios. Imperam hoje as novas tecnologias da informação e comunicação, que vieram alterar todo o nosso sistema educativo. A educação, a pedagogia e as suas metodologias não podem, concomitantemente, dissociar-se desse facto. Cabe à escola e aos seus atores abraçarem esta área profissional e transversal.

O franco desenvolvimento das TIC, com a internet acessível a todos e por todo o mundo, e o papel que as Bibliotecas Escolares têm tido na pedagogia e no ensino, mostram novos horizontes para o processo de ensino e aprendizagem. Neste novo quadro hipermediático, as bibliotecas escolares e as tecnologias da informação e comunicação são dois recursos educativos ao sucesso escolar e, mais do que isso, profissional, cultural, social e político dos cidadãos das complexas e exigentes sociedades dos nossos dias.

A Biblioteca Escolar (BE) é fundamental no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, quando se trata de educar para uma Sociedade do Conhecimento. Ela é o fulcro dos recursos comunicacionais incontornáveis quando se trata de desenvolver as competências para aprender continuamente, a imaginação e a criatividade. Uma BE tem o papel crítico de colocar ao dispor de toda a comunidade educativa, livros, serviços de aprendizagem e recursos, que propiciem a emergência de uma comunidade de pensadores críticos e utilizadores de toda a informação em todos os suportes e meios de educação.

Mas o próprio sucesso da BE tem os seus requisitos, entre os quais o da sua integração parece ser o mais determinante. A propósito disto lembremos aqui, mais uma vez, que o manifesto da Unesco refere que quando Professores Bibliotecários, Professores dos vários departamentos e Direção trabalharem em uníssono, os estudantes alcançam grandes níveis de literacia e competências na área das Tecnologias da Informação e Comunicação (IFLA/UNESCO, 2002, p.21).

É muito importante, até extremamente necessário, compreender-se o contributo da BE e das TIC no processo ensino aprendizagem dos alunos. Urge, então, que se dê oportunidade aos alunos de construírem os seus conhecimentos monitorizados por professores, que tenham consciência das potencialidades dos recursos que a biblioteca pode oferecer e verificar até que ponto estes utilizam a BE e as TIC.

O grande objetivo deste estudo era promover a reflexão em torno do contributo das bibliotecas escolares para a construção do conhecimento dos alunos. Pretendeu-se seguir um percurso que elucidasse o quão importante são as bibliotecas escolares, desde que bem organizadas e bem dinamizadas, assumindo-se assim como um recurso educativo a merecer cada vez mais atenção por parte de toda a comunidade escolar.

Para a reflexão em torno das bibliotecas escolares, fizemos, em primeiro lugar, uma breve contextualização das bibliotecas em geral, evidenciando a sua importância na sociedade e, mais concretamente, na escola, partindo da relevância que a escrita e o livro foram adquirindo. As bibliotecas foram alcançando, à semelhança da escrita, uma importância fundamental na sociedade. Desse modo, sofreram, ao longo dos tempos, inúmeras e importantes transformações, verificadas ao nível dos suportes do material e do espólio nelas existente, como também da sua dinamização e organização, do acesso ao acervo e dos meios ao dispor do bibliotecário. Essas mudanças foram contribuindo para acentuar ainda mais a importância das bibliotecas no mundo atual. Perante as mutações sociais, culturais, científicas e tecnológicas operadas, assistiu-se a um crescimento das bibliotecas em diversos domínios, o que as tornou incontestavelmente um recurso indispensável na educação e formação de cidadãos. As bibliotecas escolares apresentam-se hoje, cada vez mais, como um espaço pedagógico que corresponde à complexidade das necessidades educacionais dos alunos, promovendo o gosto pela leitura e combatendo a iliteracia.

Foi tendo em mente o exposto que o nosso trabalho acabou por se desenvolver remontando à explanação do papel da RBE na evolução das bibliotecas, a qual foi imprescindível, dado que nos permitiu sentir a biblioteca como um bem precioso e como um apoio muito importante no reforço de recursos físicos (mobiliário, equipamento, fundo

documental e de um programa de catalogação e de gestão de catálogo), e humanos: o Professor Bibliotecário.

As bibliotecas escolares são importantes para que o aluno obtenha uma formação para a vida e, embora se destinem sobretudo aos professores e alunos, devem estar abertas à comunidade em que se insere a escola. Para tal, é necessário que preservem diferentes documentos; organizem esses documentos, de forma a torná-los facilmente acessíveis aos utentes; proporcionem o acesso a diversas fontes de informação, apresentando-se, desta forma, como um espaço favorável ao estudo, à pesquisa e à leitura; dotem os seus utilizadores de capacidades para usarem os diferentes recursos fornecidos; apoiem o cumprimento dos programas; deem a conhecer à comunidade escolar as valências da biblioteca, desde os documentos até às atividades aí dinamizadas; implementem atividades que fomentem a leitura como um meio para a informação e para o prazer. Mas se queremos deveras ver cumpridas todas estas funções, é essencial considerarmos o papel do professor bibliotecário e da equipa multidisciplinar que o deve apoiar.

Cabe ao professor bibliotecário deve cuidar da organização da biblioteca, de modo a facilitar o seu uso a toda a comunidade escolar, o que passa pela catalogação, classificação e organização dos livros e o dinamizar a biblioteca com atividades de cariz diversificado, de modo a ir ao encontro das expectativas, problemas e necessidades dos alunos. No fundo, o professor bibliotecário não deverá limitar-se a sugerir e a facilitar o acesso à informação, mas responsabilizar-se pela dinamização de atividades que estimulem os hábitos de leitura nos discentes, o gosto pela busca de informação e ampliação de conhecimentos.

As bibliotecas escolares são, indubitavelmente, um bom recurso ao serviço da mudança e inovação no processo ensino aprendizagem. Estas detêm um papel fundamental no processo ensino aprendizagem, particularmente numa sociedade voltada para a informação, como é a nossa, pois dotam os estudantes de competências essenciais que lhes permitem aprender ao longo da vida.

Os órgãos de gestão têm uma grande responsabilidade, mas os professores têm também uma importante palavra a dizer para que as bibliotecas escolares sejam: “un auténtico centro de recursos, un manantial eterno de información, de sugerencias, de actividades socioculturales y a la vez festivas, una fuente inagotable de herramientas para ampliar el conocimiento y, al mismo tiempo, la cuna de la fantasía, el hogar de lo poético, el rincón de la palabra serena, la amistad, la libertad y los sueños” (Osoro, 2002, p.2).

A criação de uma verdadeira biblioteca escolar envolve, pois, modificações profundas não só ao nível espacial, temporal e material, mas também ao nível didático, nomeadamente no que toca às metodologias dos professores. Mais do que explicar conceitos e ideias, devem

facilitar-se ferramentas que permitam ao aluno mergulhar no grande mar da informação, sendo capaz de pesquisar, selecionar e assimilar a imensa quantidade de informação que lhe é fornecida pelas variadas fontes consultadas. Só, deste modo, os alunos estarão prontos para assumirem o papel de protagonistas da sua própria aprendizagem. Esperando-se que de forma concomitante desenvolverão o espírito crítico e a criatividade e reconhecerão a importância das diferentes fontes de informação, aprendendo a trabalhar e a selecionar as mesmas.

É preciso que os alunos leiam, mas é também fundamental que os professores ensinem os alunos a ler e que os façam sentir que vale a pena ler. Desta forma, contribui-se para o aumento dos hábitos de leitura, que, em Portugal, como o provam alguns estudos são muito baixos. Se nos esforçarmos por tornar as bibliotecas escolares um recurso educativo, auferiremos com certeza de melhores resultados que os obtidos nos estudos “A Literacia em Portugal e PISA 2000”.

Para que as bibliotecas escolares possam cumprir inteiramente as suas funções é elementar que haja uma mutação das práticas educativas e na atitude dos professores em relação àquelas. Esta mutação, porém, só será bem-sucedida se os professores estiverem sensibilizados e motivados. A diversificação dos métodos de ensino exige docentes competentes e reflexivos, que questionem constantemente as suas práticas educativas e utilizem estratégias e recursos adequados aos diferentes níveis etários dos discentes e à sociedade de informação atual. Por outro lado, os docentes devem incluir a biblioteca escolar nas suas práticas, trabalhando também em conjunto com o professor bibliotecário. De facto, apesar da organização e dinamização estarem entregues ao professor bibliotecário, os alunos, bem como outros docentes, devem ter também um papel mais ativo, pois para além de os responsabilizar, fá-los ter uma outra atitude para com o livro e fá-los sentir a biblioteca como um bem de todos.

Um trabalho conjunto de toda a comunidade educativa tem permitido que a Biblioteca Escolar Professor Doutor Pina Martins do Agrupamento de Escolas do Vale do Alva leve a cabo atividades distintas, com objetivos diversos, que fazem dela um verdadeiro ser vivo dentro da escola. Deste modo, não só estamos a contribuir para o desenvolvimento e enraizamento da biblioteca nas práticas educativas da escola, como também para o incremento dos hábitos de leitura dos alunos, para a aquisição de métodos e estratégias de estudo. Em suma, a biblioteca escolar, bem organizada e bem dinamizada, torna-se o coração da escola, sobre o qual gira todo o currículo, é um motor conducente à mudança do sistema educativo, e mais tarde, e por consequência, à mutação da própria sociedade.

Não podemos fechar este trabalho sem fazer uma sintética referência ao último capítulo deste trabalho, relativo ao estudo empírico exploratório que se realizou tomando por centro uma BE. Especificamente, verificamos que a biblioteca escolar desempenha um importante papel no

acesso aos recursos educativos. Globalmente, sobressai a relação entre biblioteca e fontes de pesquisa, particularmente a Internet. Esta é considerada como principal agente motivador para o uso da biblioteca, constituindo-se como uma importante ferramenta pedagógica ao serviço do processo de ensino e aprendizagem e destacam-se como vantagens, principalmente a atualidade e quantidade de informação. De acordo com esta investigação, as respostas mais pontuadas nos questionários dos alunos, na questão nº4, em que situações utilizam a BE, são a requisição de livros para casa, concretamente 46 (22,2%) alunos e o uso da internet com 36 (18,4%) alunos. A biblioteca é também considerada, pela maioria dos alunos, 42 (82,4%), um local agradável e atrativo, onde se podem fazer diversas atividades. Pôde ainda constatar-se que as três situações mais frequentes são: requisitar livros, ver um filme e utilizar a internet. Estes resultados poderão ser justificados pelo facto de estes alunos serem oriundos do interior e como supracitado não têm condições socioeconómicas favoráveis para comprar todos os livros/filmes que gostariam de ler/ver e a maior parte deles não têm internet em casa, dizendo usá-la apenas na escola, quer para fazer trabalhos, quer para investigar qualquer tema proposto ou não pelos docentes. Os resultados revelam, de facto, a importância da Internet como ferramenta de pesquisa escolar. Os alunos, sementes germinadas na atual sociedade da informação e comunicação, mostram-se recetivos face às exigências, apresentando uma opinião favorável 43 (84,3%) alunos, no que concerne a considerarem a BE como um local de apoio às atividades livres e de estudo, enquanto 50 (98%) alunos refere que a BE contribui para uma boa convivência, espírito de entreajuda e autoconfiança.

Tal como se refere na análise estatística inferencial, a BE é um recurso frequentemente utilizado, não havendo diferenças significativas entre a frequência de uso por parte dos alunos e por parte dos professores. Sobressaindo o facto de os professores utilizarem com frequência as competências de informação e comunicação nas suas planificações e unidades de ensino.

A biblioteca escolar deve ser encarada como um equipamento capaz de transformar as práticas escolares e contribuir para um maior sucesso educativo, afirmando-se como instrumento fundamental para a aquisição das competências e dos saberes. E foi isto que apuramos no nosso estudo: 13 (81%) docentes avaliam que a BE dá um bom contributo para o desenvolvimento dos alunos e 15 (94%) docentes afirmam que a BE influencia os alunos no processo de ensino e aprendizagem.

Embora seja o final da pesquisa, este trabalho tornou-se o começo de novas dúvidas, e abertura para novos estudos. Cremos que ainda há muito para aprender e refletir a respeito da prática docente e o mesmo se diga sobre as funções da biblioteca escolar. De nada adianta uma escola ter biblioteca, laboratório de informática e outras tecnologias – como televisão, vídeo e câmara digital, entre outras ferramentas pedagógicas – se os professores e alunos desconhecem

o seu potencial ou não acompanham o trabalho realizado neste espaço. A biblioteca pode ser um ótimo recurso se os docentes centrarem nela a sua pedagogia. “ (...) a biblioteca pode ser um ótimo recurso, quer como parceiro indispensável das atividades disciplinares específicas, quer como potência autónoma na formação plena dos indivíduos” (Sousa, 2000, p.29).

Para finalizar devemos referir que, se admitimos ter conseguido atingir o propósito formativo desta investigação, não deixar de reconhecer que o fizemos reconhecendo muitas limitações que sucintamente se apresentarão.

Em primeiro lugar, o tamanho restrito da amostra (51 alunos e 16 professores), que condiciona o nível de significância estatística dos dados e impossibilita a generalização dos resultados. De facto, a amostra deste trabalho engloba apenas sujeitos de uma mesma instituição de ensino, não sendo extensiva, como seria desejável, a outras escolas do concelho com possíveis realidades diferenciadoras.

Este estudo apresenta algumas limitações que decorrem do método de investigação utilizado: no caso, um estudo exploratório descritivo simples. Não se consegue saber se se obteriam os mesmos resultados no caso dos elementos seleccionados serem outros, pelo que se deve ter a devida reserva na sua apreciação.

O período de tempo em que decorreu o estudo número de sujeitos é outro ponto a ser mencionado como limitante desta pesquisa. Mas é também de salientar o facto de não haver muitos documentos orientadores, o que se traduz na dificuldade de criar um referencial de procedimentos mais ou menos normalizado.

Perspetivando futuras investigações nesta área, parece-nos relevante considerar entre outras variáveis, a condição socioeconómica e as políticas locais e regionais para a educação.

Bibliografia

- Almeida, M. (2007). *Integração de Tecnologias à Educação: novas fontes de expressão do pensamento, produção escrita e leitura*. São Paulo: Avercamp.
- Alva, A. d. (2009/2013). *Projeto Educativo*. Ponte das Três Entradas: AEVA.
- Benavente, A., Rosa, A., Costa, A. F., & Ávila, P. (1995). *Os níveis de literacia em Portugal*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Blanchard, K. (2007). *Um nível superior de liderança*. Lisboa: Actual Editores.
- Bryman, A., & Cramer, D. (1993). *Análise de dados em Ciências Sociais, Introdução às Técnicas utilizando o SPSS*. Oeiras: Celta Editora.
- Calixto, J. A. (1996). *A Biblioteca Escolar e a Sociedade da Informação*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Carneiro, R. (2006). *Debate Nacional sobre Educação: como melhorar nos próximos anos? Educação, Ciência e Tecnologia*. Lisboa: CNE.
- Conde, E., Martins, R., & Bastos, G. (2011). *MABE*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Cunha, T. M., & Figueiredo, M. B. (2011). O Impacto da Web 2.0 nas Bibliotecas Escolares das escolas secundárias do concelho de Lisboa. p. 2.
- Conde, E., Martins, R., & Bastos, G. (2011). *MABE*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Delors, J. (2003). *Educação um Tesouro a Descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o séc. XXI*. Lisboa: Asa.
- DGIDC. (1997). *Livro Verde para a Sociedade da Informação*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Dias, P. B. (1999). Atas da I Conferência Internacional de Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação: Desafios: Challenges. 99. Braga: Universidade do Minho.
- Escolares, R. d. (2009). *Modelo de Auto Avaliação das Bibliotecas Escolares*. Lisboa: RBE - Ministério da Educação.
- Fortin, M. F. (2000). *O Processo de Investigação: da concepção à realização*. Loures: Lusodidacta.
- Furtado, C. C. (jul./dez. de 2009). Bibliotecas Escolares e Web 2.0: revisão da literatura sobre Brasil e Portugal. *Em Questão*.
- G. Gomez, J. F. (1996). *Metodologia de la investigacion cualitativa*. Malaga - Espanha: Aljibe.
- IASL. (1993). *Declaração Política da IASL sobre Bibliotecas Escolares*.
- IFLA. (2002). *Declaração Política sobre Bibliotecas Escolares*. Lisboa: RBE. (Directrizes da IFLA/UNESCO para Bibliotecas Escolares, 2002, versão em português (Portugal), 2006, trad. Maria José Vitorino)
- IFLA. (2006). *Declaração Política sobre Bibliotecas Escolares*. Lisboa: RBE.
- IFLA/UNESCO. (2002). *Directrizes para o Manifesto da IFLA/UNESCO sobre aInternet*. Lisboa: Ministério da Tecnologia e da Ciência.
- Mialaret, G. (1987). *A Aprendizagem da Leitura*. Lisboa: Editorial Estampa.
- O' Reilly, T. (Setembro de 2005). What is web 2.0: Design patterns and business models for the next generation of software. Acedido em 20 de dezembro de 2012.
- Osoro, K. (2002). *La Biblioteca Escolar: un Derecho Irrenunciable*. Madrid-Espanha: Amigos del Livro Infantil.
- Pessoa, A. (1994). *A Biblioteca Escolar*. Lisboa: Campo das Letras.
- Ribeiro, M. S. (1994). *Desenvolvimento da coleção na Biblioteca Escolar: Uma contribuição crítica à formação crítica sócio cultural do educando*. Campinas.
- Senge, P., A., K., & R., C. (1999). *A Dança das mudanças*. Rio de Janeiro, Brasil: Campus.
- Sousa, M. d. (2000). *O contributo da Biblioteca Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Tavares, J. (1996). *Uma Sociedade que aprende e se desenvolve*. Porto Editora: Porto.
- Veiga, I. (1997). *Lançar a Rede de Biliotecas Escolares*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Veiga, I., Calixto, J. A., Calçada, T., Gaspar, T., & Barroso, C. (1996). *Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares*. Lisboa: Ministério da Educação.

Legislação

Despacho conjunto nº5/ME/MC/96 com o título "Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares".

Despacho Conjunto nº184/ME/MC/96 de 27 de Agosto que cria o "Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares".

Despacho conjunto nº43/ME/MC/95 de 29 de Dezembro.

Circular 14/209 de 10 de Janeiro.

LBSE Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro.

Lei n.º 115/97, de 19 de Setembro.

Lei nº 19-A/87 de 3 de Junho.

Ofício-circular de 14/10/1996.

Portaria nº756 de 14 de Julho de 2009, artigo 3º-4º.

ANEXOS

ANEXO I - Projeto Educativo.....	71
ANEXO II - QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS.....	80
ANEXO III - QUESTIONÁRIO AOS DOCENTES.....	84

ANEXO I - Projeto Educativo



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

Agrupamento de Escolas do Vale do Alva
Escola Básica da Ponte das Três Entradas
Código AEVA - 161445 | Código EBPTE -
330851

Projeto Educativo

Educar para os valores rumo ao sucesso

Triénio 2009/2012

ANEXO II - QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA



Agrupamento de Escolas do Vale do Alva
Escola Básica da Ponte das Três Entradas
Código AEVA - 161445 | Código
EBIPTE - 330851

BIBLIOTECA ESCOLAR PROFESSOR DOUTOR PINA MARTINS

QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS

Identificação: Masculino Feminino

Frequento o ano de escolaridade seguinte:

1º 2º 3º 4º 5º 6º 7º 9º 10º 11º 12º

Com que frequência costumás usar a biblioteca escolar (BE) fora do período de aulas?

Todos os dias.

Uma a duas vezes por semana.

Uma a duas vezes por mês.

Uma a duas vezes por período.

Muito raramente e de forma irregular.

Nunca, porque _____

[Nota: se respondeste nunca, nas perguntas seguintes responde apenas àquelas em que tens informações para dar]

Com que objetivos mais utilizas a biblioteca fora do período de aulas?

Requisitar livros ou outros materiais para casa.

Ler o que me apetece.

Jogar.

Ver um filme.

Ouvir música.

Utilizar a internet.

Conviver/conversar com outros colegas.

Estudar ou realizar trabalhos.

Fazer os trabalhos de casa.

Participar em Atividades Extra Curriculares: clubes, projetos, outros.

Ter as Atividades de Enriquecimento Curricular (1º CEB): Apoio ao Estudo, música, Inglês, Expressões, outros.

Outro. Qual? _____

Qual a tua opinião geral sobre as atividades culturais dinamizadas pela BE?

Exposições, espetáculos, palestras, debates, sessões de poesia, teatro, concursos, celebração de efemérides, ciclos de cinema, outros.

São numerosas, diversificadas e interessantes.

São numerosas e diversificadas mas pouco interessantes.

São interessantes, mas raras e pouco variadas.

São raras, pouco variadas e desinteressantes.

Geralmente não tenho conhecimento das atividades da BE.

Quais são as tuas opiniões sobre a BE? Responde SIM ou NÃO.

Consideras o horário da BE adequado aos teus interesses e necessidades?

Achas que o espaço da BE é agradável e atrativo para os alunos?

Achas que o ambiente da BE é calmo e favorável à utilização ao mesmo tempo por vários alunos e grupos em atividades diferentes?

Achas que é fácil encontrar os documentos de que precisas na BE?

Achas que os livros da BE são atuais e de acordo com os teus interesses?

Gostas dos CDs, DVDs e jogos que a BE põe ao teu dispor para ocupares os teus tempos livres ou requisitares para casa?

Consideras que os computadores da BE são em número suficiente?

Participas em algum Clube, Projeto ou Atividade Extra Curricular relacionada com a BE?

Jogar, Clube de Rádio, Clube de Fotografia, Oficina de Escrita Criativa, Clube de Leitura, Núcleo de “Amigos da Biblioteca”/monitores, outros.

Sim ____ Qual? _____ Não ____

Consideras que a BE contribui para desenvolver a boa convivência, o espírito de iniciativa e de entreatajuda e autoconfiança dos alunos?

Muito

Medianamente

Pouco

Nada

ANEXO III - QUESTIONÁRIO AOS DOCENTES



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA



Agrupamento de Escolas do Vale do Alva
Escola Básica da Ponte das Três Entradas
Código AEVA - 161445 | Código
EBIPTE - 330851

BIBLIOTECA ESCOLAR PROFESSOR DOUTOR PINA MARTINS

QUESTIONÁRIO AOS DOCENTES

Identificação: Masculino Feminino

Com que frequência costuma usar a biblioteca escolar (BE) ou os seus recursos no âmbito das suas funções docentes?

Diariamente.

Uma a duas vezes por semana.

Uma a duas vezes por mês.

Uma a duas vezes por período.

Muito raramente e de forma irregular.

Nunca

Se respondeu Nunca, indique o motivo e termine aqui a sua participação neste questionário.

Com que objetivo(s) utiliza a BE ou os seus recursos no seu trabalho docente?

[Assinale as três situações mais frequentes que ocorrem consigo]

Ler/consultar com os alunos obras de referência ou livros específicos.

Utilizar os computadores com os alunos.

Ver vídeos/DVDs com os alunos.

Selecionar/requisitar materiais para a sala de aula.

Fazer empréstimo domiciliário com a turma.

Realizar trabalho pessoal e profissional.

Outro. Qual? _____

Nas suas funções docentes, costuma articular e/ou planear atividades com o professor bibliotecário ou com a equipa da BE?

Sempre.

Regularmente.

Ocasionalmente.

Nunca.

Em caso afirmativo, em que contexto mais acontece essa articulação?

Enquanto docente titular de turma/grupo de uma disciplina/área curricular.

Enquanto docente de ACND.

Enquanto coordenador de departamento/responsável de área.

No âmbito de determinados projetos/programas.

(Plano Nacional de Leitura; Plano Nacional do Ensino do Português; Plano de Acção para a Matemática; outros)

Outro. Qual? _____

Classifique o seu conhecimento sobre os recursos da BE?:

Muito Bom.

Bom.

Razoável.

Fracó.

Classifique o nível dos recursos da BE para apoio à sua prática educativa/letiva:

Muito Bom.

Bom.

Razoável.

Fracó.

Costuma proceder à integração de competências de informação na planificação e tratamento das diferentes áreas de conteúdo/unidades de ensino?

Sempre.

Regularmente.

Ocasionalmente.

Nunca.

Na sua prática letiva, promove a utilização da BE ou dos seus recursos nos trabalhos de pesquisa efetuados pelos seus alunos?

Sempre.

Regularmente.

Ocasionalmente.

Nunca.

Quando utilizam a BE ou os seus recursos, os seus alunos estão munidos das indicações sobre a tarefa a executar e de sugestões de bibliografia a consultar?

Sempre.

Regularmente.

Ocasionalmente.

Nunca.

Como apoio para os trabalhos de pesquisa dos alunos costuma utilizar:
[Pode assinalar mais do que uma opção]

O modelo/guião de pesquisa proposto para a escola/agrupamento ou usado pela BE.

Um guião de pesquisa produzido por si.

Orientações que dá oralmente aos alunos.

Já participou em atividades de formação de utilizadores para o uso da BE, promovidas pelo professor-bibliotecário/equipa da BE?

Sim.

Não

Já colaborou com o professor-bibliotecário/equipa da BE na realização de atividades na BE ou em sala de aula com alguma turma/grupo?

Sim.

Pedi mas não obtive colaboração.

Nunca solicitei colaboração.

Já colaborou com a BE na seleção ou produção de materiais de apoio necessários à condução de atividades na BE ou em sala de aula?

Sim.

Pedi mas não obtive colaboração.

Nunca solicitei colaboração.

Se respondeu afirmativamente às questões 10 e 11, que balanço faz da sua experiência de trabalho e de colaboração com a BE?

Muito positivo.

Positivo.

Pouco positivo.

Nada positivo.

Como classifica as suas competências pessoais para o uso autónomo da BE ou dos seus recursos, com os seus alunos?

Competências para usar os serviços e equipamentos da BE.

Boas.

Médias.

Fracas.

Competências para uso das TIC.

Boas.

Médias.

Fracas.

Competências para explorar diferentes materiais (livros, CDs, DVDs, Internet), e usá-los em situação de ensino-aprendizagem.

Boas.

Médias.

Fracas.

Como classifica, em geral, as competências para o uso autónomo da BE ou dos seus recursos, por parte dos alunos?

Competências para usar os serviços e equipamentos da BE.

Boas.

Médias.

Fracas.

Competências para uso das TIC.

Boas.

Médias.

Fracas.

Competências para explorar diferentes materiais (livros, CDs, DVDs, Internet), e elaborar trabalhos e apresentá-los.

Boas.

Médias.

Fracas.

Como avalia o contributo dado pela BE para o desenvolvimento nos alunos deste tipo de competências?

Muito Bom

Bom.

Razoável.

Fraco.

Assinale entre os seguintes tipos de materiais/ferramentas, aquele(s) que já alguma vez utilizou por sua iniciativa ou sugestão da BE:

Maleta Pedagógica.

Guião de Pesquisa.

Lista seleccionada de sítios Web.

Webquest.

Guia como elaborar um trabalho.

Catálogo da BE.

Outros. Quais? _____

Em que medida considera que a BE influencia, nos seus alunos, o desenvolvimento de valores e atitudes de conveniência, iniciativa, cooperação e autonomia?

Muito.

Razoavelmente.

Pouco.

Nada.

